

Macau 澳門

EM DIRECÇÃO À DIVERSIFICAÇÃO

Desenvolvimento de mercado obrigacionista
chave para alargar base económica de Macau

**TURISMO INCLUSIVO ABRE
RAEM A NOVOS VISITANTES**



**“LIVE STREAMING” APOSTA
PARA COMÉRCIO ELECTRÓNICO**



UNIVERSIDADE DE MACAU

Reitor discute estratégias de crescimento



31/03-02/04/2022

澳門威尼斯人 The Venetian Macao

(853) 8798 9675

www.macaomiecf.com

主辦單位
Host



中華人民共和國澳門特別行政區政府
Government of the Macao
Special Administrative Region of
the People's Republic of China

2022 MIECF

Macao International Environmental
Co-operation Forum & Exhibition
2022年澳門國際環保合作發展論壇及展覽



匯力綠色發展 邁進雙碳目標

Commitment to Green Development
Moving Towards the Dual Carbon Goals

綠色論壇、綠色展覽、綠色配對及綠色公眾日
Green Forum, Green Showcase, Green Matching & Green Public Day

2022 MIECF 官方承辦單位
2022 MIECF Host Co-ordinators



MIECF 官方網站
MIECF Official Website

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo

Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.



MACAU APOSTA NO MERCADO OBRIGACIONISTA ◀8

Autoridades agilizam registo e negociação de obrigações, rumo à diversificação económica



TURISMO INCLUSIVO ◀16

Macau quer ser mais acessível a pessoas com necessidades especiais



“LIVE COMMERCE” ◀26

Nova tendência do comércio electrónico ajuda expansão de empresas locais



ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE MACAU E O SUCESSO DA EDUCAÇÃO INTEGRADA ◀44

O reitor da Universidade de Macau (UM), Song Yonghua, fala sobre os planos para aprofundar os laços com congéneres do Interior da China e dos países de língua portuguesa



Moçambicanos em Macau ◀60

Retrato de uma comunidade em reflexão



Marionetas ganham vida em Coloane ◀64

Hoi Long, uma carreira repleta de sucessos ◀72

OUTROS TEMAS

32 ▶ EMPRESA VA LUEN: MAIS DE 50 ANOS A PROMOVER A CULTURA DO CHÁ

36 ▶ PROGRAMA DE INTERCÂMBIO PROMOVE PROJECTO DA GRANDE BAÍA

40 ▶ SECTOR DA HOTELARIA UNE-SE EM TORNO DE ESTRATÉGIA VERDE

50 ▶ COMÉRCIO SINO-BRASILEIRO EM TRAJECTÓRIA ASCENDENTE

58 ▶ PORCHAM QUER FORTALECER LAÇOS ENTRE CHINA E PORTUGAL

70 ▶ A ORIGEM MÍTICA DA TRADIÇÃO DE PAK TAI

76 ▶ HÓQUEI EM CAMPO OLHA PARA O FUTURO



+MACAU

+ 80

A vivência na expressão artística de Pakeong Sequeira



+ 84

O equilíbrio dos sabores pelo Chef Lou Chi Seng



+ 86

Roteiro





© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ji Xianzheng (esq.) foi recebido por Ho Iat Seng (dir.) no final de Janeiro

Fórum de Macau com novo secretário-geral

O Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) – também conhecido como Fórum de Macau – tem um novo secretário-geral. Ji Xianzheng iniciou funções em Janeiro, tendo, entretanto, já reunido com diversos diplomatas lusófonos acreditados no território, bem como com responsáveis do Governo da Região Administrativa Especial de Macau.

Durante um encontro com o Chefe do Executivo, o novo secretário-geral do Fórum de Macau sublinhou a importância de elevar a um novo patamar a cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa, contribuindo para a diversificação económica adequada de Macau. Por seu lado, Ho Iat Seng elogiou os resultados obtidos pelo Fórum de Macau, assegurando que o Governo irá continuar a apoiar os trabalhos da organização.

Ji Xianzheng exerceu anteriormente o cargo de subdirector-geral do Departamento de Assuntos Europeus do Ministério do Comércio da República Popular da China. O diplomata desempenhou também funções na Secção Económica e Comercial da Embaixada da China em Portugal.

COOPERAÇÃO CHINA-LUSOFONIA

Cidade a crescer

A área terrestre de Macau registou nos últimos 10 anos uma taxa de crescimento média anual de 1,0 por cento,

fruto da construção de diversos aterros. De acordo com resultados preliminares dos Censos 2021, tal foi inferior à taxa de crescimento da população, com a densidade populacional a passar de 18.454 pessoas/km² em 2011 para 20.645 pessoas/km² no ano passado.



Fonte: DSEC

GRÁFICO

Conhecer a Casa do Mandarim através de realidade aumentada

O Instituto Cultural lançou, no final de Janeiro, uma aplicação móvel de realidade aumentada focada na Casa



© INSTITUTO CULTURAL

do Mandarim, um dos sítios do Património Mundial de Macau. O projecto permite que, durante a visita física ao espaço da Casa do Mandarim, residentes e turistas possam “viajar”, no seu telemóvel, até ao passado, para explorar a história do complexo histórico.

O conteúdo em realidade virtual está acessível através da digitalização de códigos QR ou de uma mini-aplicação na plataforma social WeChat.

A iniciativa insere-se na estratégia do Instituto Cultural de promover os sítios do Património Mundial de Macau de forma diversificada e com recurso a tecnologias inovadoras, incluindo de realidade aumentada e realidade virtual.

CULTURA



© CHENG KAI MA

Exportações sobem em 2021

Macau exportou no ano passado mercadorias no valor total de 12,96 mil milhões de patacas, o que representa uma subida anual de 19,9 por cento, de acordo com dados da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos. Já o valor das mercadorias importadas fixou-se em 153,88 mil milhões de patacas, correspondente

a um crescimento de 66,2 por cento por cento.

As vendas para o Interior da China em 2021 foram de 1,81 mil milhões de patacas, um aumento de 12,3 por cento face ao ano anterior. Em sentido oposto, Macau comprou mercadorias no valor de 48,52 mil milhões de patacas, uma subida de 75,7 por cento.

Macau exportou mercadorias avaliadas em 6,4 milhões de patacas para os países de língua portuguesa em 2021, uma descida face ao ano anterior. Na direcção inversa, o território importou produtos lusófonos no valor de 724,2 milhões de patacas (mais 3,7 por cento do que em 2020).

COMÉRCIO



31%



Taxa de crescimento anual do número total de turistas que chegaram a Macau em 2021. A cidade recebeu 7,7 milhões de visitantes, dando continuidade à recuperação gradual da indústria turística local no contexto da crise global ligada à COVID-19.

NÚMERO

“Continuaremos, sem relaxar, a coordenar as acções de recuperação económica com as de prevenção e controlo da epidemia”

HO IAT SENG
CHEFE DO EXECUTIVO

Mensagem por ocasião
do Ano Novo Lunar do Tigre

FRASE

Momento

SOB O SIGNO DO TIGRE | Macau deu as boas-vindas ao Ano do Tigre com diversas festividades no início de Fevereiro. Um dos momentos altos das celebrações foi o tradicional desfile do dragão gigante dourado, organizado pela Direcção dos Serviços de Turismo, para desejar à cidade um novo ano lunar repleto de vitalidade e prosperidade. ▲ FOTO © DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO





Rumo à consolidação do mercado obrigacionista

Macau deu mais um passo para o desenvolvimento do mercado obrigacionista local com o lançamento, em Dezembro, da Central de Depósito de Valores Mobiliários. É uma infra-estrutura financeira considerada fundamental para o sucesso do sector, cuja meta é promover a diversificação económica do território

Texto | Marta Melo

MACAUIÁ já tem um sistema centralizado de depósito de valores mobiliários. A infra-estrutura, acredita o Secretário para a Economia e Finanças do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), Lei Wai Nong, vai “permitir consolidar as bases para o desenvolvimento” de um mercado obrigacionista local.

A Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau – conhecida pela sigla “CSD” – é operada pela Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários de Macau Sociedade Unipessoal Limitada (MCSL), empresa de capitais públicos que fornece serviços de registo, depósito e liquidação de valores mobiliários. Lei Wai Nong sublinha que este é um mecanismo “indispensável para os mercados internacionais maduros de obrigações”.

No primeiro dia de funcionamento do sistema foram efectuados o registo e depósito relativos a duas emissões de obrigações – pela Sucursal de Macau do Banco da China e pela Sucursal de Macau do Bank of Communications, respectivamente –, com o montante global a rondar 3,6 mil milhões de patacas, segundo a Autoridade Monetária de Macau (AMCM). As duas operações atraíram uma procura acima da oferta, com mais de uma dezena de bancos comerciais



© CHEONG KAM KA

e instituições de investimento na posição de compradores.

Até agora, a cidade tinha apenas uma empresa a prestar serviços relacionados com obrigações – a Transacção de Bens Financeiros de Chongwa (Macau), S.A., fundada pelo grupo estatal Nam Kwong e conhecida como MOX –, mas o Executivo da RAEM tem vindo a promover várias iniciativas nesta área nos últimos anos. A AMCM assinala o incentivo à emissão em Macau de obrigações pelo Ministério das Finanças e pelo Governo Popular da Província de Guangdong, em 2019 e 2021, respectivamente, e a isenção do imposto de selo e do imposto complementar de rendimentos em relação a obrigações emitidas em Macau. Segundo dados do organismo, até Dezembro

de 2021 tinham sido disponibilizadas 91 emissões de obrigações em Macau – emitidas ou listadas localmente –, com um valor total de 266,9 mil milhões de patacas.

Em mais um passo para promover a emissão de obrigações em Macau, a AMCM está habilitada, desde meados de Janeiro, para atribuir um Número Internacional de Identificação de Títulos (ISIN, na sigla em inglês) a valores mobiliários. O objectivo é tornar mais rápida a emissão de obrigações a nível local e facilitar a sua negociação, mesmo fora da região.

Alargar a oferta

Para Rose Lai Neng, professora em finanças na Faculdade de Gestão

de Empresas da Universidade de Macau, é “sempre importante para qualquer economia um passo tão grande” como aquele dado por Macau com a criação de um mercado obrigacionista. Segundo a académica, não só pelos “benefícios reais”, mas também por “reposicionar Macau no mundo, para além de um local de jogo”.

As desvantagens da concentração económica tornaram-se mais óbvias nos últimos dois anos com a COVID-19. Os efeitos da pandemia nas indústrias do jogo e do turismo locais, entende Tirso Olazabal, advogado baseado em Macau e especializado em banca e finanças, vieram “acelerar a necessidade de diversificar as receitas do Governo”. No actual contexto, adianta, a

E uma bolsa de valores?

A CRIAÇÃO de uma bolsa de valores denominada em renminbi é um tema em discussão em Macau há alguns anos. Em 2019, o Governo anunciou mesmo um estudo de viabilidade sobre o tema, para aferir se o território possui um sistema legal, de fiscalização e de regulação, bem como quadros qualificados, adequados para garantir um mercado bolsista.

Por agora, a prioridade, segundo a Autoridade Monetária de Macau, é o “desenvolvimento do mercado de títulos de dívida”, comprometendo-se o Governo a explorar, “em momento oportuno, a viabilidade do alargamento das actividades de investimento e financiamento no âmbito de valores mobiliários”.

A inexistência de uma bolsa de valores é, para António Félix Pontes, “um factor limitativo” ao desenvolvimento de um mercado de obrigações. Embora as obrigações listadas em bolsas de valores sejam geralmente negociadas nos balcões dos bancos, diz o economista, “a grande maioria dos investidores institucionais (bancos, seguradoras) dão clara preferência às obrigações listadas em bolsas de valores de grande reputação e reconhecimento internacional”.

Tirso Olazabal acredita que uma bolsa de valores em Macau poderá vir a “tornar-se uma realidade à boleia do desenvolvimento do mercado obrigacionista”. “É um tema que pressupõe a conciliação de vários interesses e a sua criação tem de ser bem pensada no sentido de lhe atribuir um papel específico, com especial foco no renminbi”, acrescenta o advogado, especializado em banca e finanças.

Já para Félix Pontes, devem ser ponderados factores como a concorrência na região e o “universo de empresas potencialmente elegíveis” para serem cotadas, dada a dimensão da maioria das entidades empresariais locais. O economista alerta também para outras questões, como a quantidade e as qualificações dos técnicos necessários para trabalhar nesta área, e os “investimentos avultados” inerentes à criação de uma bolsa de valores e da respectiva entidade supervisora. ▲

resposta do Executivo de criação de um mercado financeiro “é fundamental para a diversificação” do tecido económico.

Nessa senda, no futuro, acredita Tirso Olazabal, “é expectável que a MOX também venha a explorar a introdução de outros produtos financeiros no mercado de Macau”, ligados a fundos de obrigações cotados (conhecidos como “bond exchange traded funds” ou “bond ETFs”) ou fundos cotados de gestão e investimento imobiliários (também designados por “real estate investment trusts” ou “REITs”). Um cenário que, argumenta o advogado, “será determinante para uma evolução sustentável do mercado financeiro”.

A meta da diversificação é clara para o Governo da RAEM. Segundo a Autoridade Monetária, o mercado obrigacionista vai não só “ampliar o leque de canais de financiamento para as empresas de Macau e da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, como permitir “o enriquecimento em termos de produtos e serviços de investimento disponíveis”. Tal irá, consequentemente, promover o desenvolvimento de indústrias relacionadas, nomeadamente instituições para a colocação de obrigações ou agências de notação de crédito, afirma a AMCM.

João Rato, director do Departamento de Gestão de Risco do Banco Well Link, entende que a criação de um mercado obrigacionista, “só por si, impede o sector financeiro

para novos patamares de especialização e sofisticação”. Os benefícios podem ser a vários níveis: fontes alternativas de criação de valor ou a criação de novos postos de trabalho. “Mas também no melhor aproveitamento das características especiais de Macau enquanto Região Administrativa Especial da República Popular da China, possibilitando-lhe reposicionar-se de forma mais clara e efectiva como plataforma internacional de negócios na região da Grande Baía”, conclui.

Ainda assim, o caminho terá de se fazer caminhando. António Félix Pontes, antigo presidente do

Instituto de Formação Financeira, ressalva que “a implementação com sucesso de qualquer mercado de obrigações é demorada”. No caso de Macau, há que contar ainda com o relevo da indústria do jogo: o “peso” relativo de um mercado de obrigações nas receitas públicas locais “não será comparável com o que o imposto sobre as receitas do jogo tem”, avisa. O economista compara o actual imposto directo de 35 por cento sobre as receitas brutas do jogo com, por exemplo, a taxa de 0,0037 por cento por ano cobrada pela Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários de Macau para a custódia de

obrigações de valor total até 15 mil milhões de patacas. Segundo sublinha, a diferença é superior a 9000 vezes a favor do imposto sobre as receitas do jogo.

Grande Baía e lusofonia

A Grande Baía e o mundo lusófono são considerados dois importantes motores para a expansão do mercado obrigacionista de Macau. No lançamento da Central de Depósito de Valores Mobiliários, o Secretário Lei Wai Nong frisou a relevância do projecto para o posicionamento de Macau enquanto plataforma de prestação de serviços financeiros





A Autoridade Monetária de Macau já pode atribuir um Número Internacional de Identificação de Títulos a valores mobiliários

entre a China e os países de língua portuguesa. A integração do território no desenvolvimento nacional foi, por sua vez, destacada por Xu Liangdui, da China Central Depository & Clearing Co., Ltd, empresa do Interior da China que fez parte do grupo de trabalho para a criação da Central de Depósito de Valores Mobiliários.

João Rato observa que, embora a dar os primeiros passos, há “uma linha condutora” na criação do mercado de obrigações, que “assenta em bases muito sólidas” ligadas ao projecto de desenvolvimento da Grande Baía. “Macau tem vantagens comparativas históricas que lhe permitem um papel especial na abertura da área financeira

ao exterior”, acrescenta o responsável do Banco Well Link.

Com um plano de desenvolvimento bem definido, argumenta Rose Lai, Macau pode preencher “um nicho”, não só para a Grande Baía e para a China como um todo, mas também para o mundo. “Macau tem a vantagem única de servir tanto a China quanto os países de língua portuguesa”, afirma a académica.

A ligação à China parece certa num primeiro momento, diz o advogado Tirso Olazabal. Isto para depois, numa fase seguinte, abrir-se o mercado a “outras jurisdições que tenham interesse em aceder a capitalização chinesa, tais como empresas portuguesas com negócio na China”.

A lusofonia apresenta-se nesta realidade com “potencial”, reforça João Rato, mas o espaço lusófono “deverá ser trabalhado”, nomeadamente para dar a conhecer os emittentes e os respectivos projectos. “Macau pode ajudar a suprir esse ‘gap’ de conhecimento e informação”, aponta.

O responsável acredita ainda que “modelos de negócio que contemplem uma ligação à China terão mais possibilidade de sucesso”, como sejam “empresas lusófonas com participações de capital chinês, ou já com presença ou planos de expansão para a China”. Mas há outras sugestões: “Emissões de dívida soberana de países lusófonos seriam outra forma de ajudar a abrir este mercado a emittentes ‘corporate’”.

Nesta relação com o mundo lusófono, o papel de ponte de Macau, defende Tirso Olazabal, “poderá ajudar a uma aceleração da indústria financeira, nomeadamente no que se refere a áreas como obrigações, locação financeira e gestão de patrimónios”.

António Félix Pontes considera que Portugal e Brasil são os países lusófonos em condições, a nível governamental ou empresarial, de escolher Macau para a emissão de obrigações, “muito por força de motivos de ordem política”. Já da parte das empresas da Grande Baía e de outras zonas do Interior da China, Félix Pontes diz que podem escolher Macau “para dar um impulso ao desenvolvimento

do mercado local desses títulos, indo ao encontro da intenção do Governo da RAEM”.

Nesta aposta de criação de um mercado de obrigações, e apesar do actual contexto pandémico, João Rato defende um foco em “emissões para financiar projectos relacionados com turismo e lazer, que é onde Macau tem ‘expertise’”. E, acrescenta, “nesta fase inicial, emissões por parte de [entidades] institucionais e do próprio sector financeiro são muito positivas para dar lastro e visibilidade ao mercado”. Futuramente, para João Rato, “emitentes de matriz lusófona poderão considerar Macau para se financiarem neste mercado, nomeadamente em renminbi”.

Tornar Macau mais competitiva

Um dos desafios para Macau, segundo João Rato, prende-se com o facto de o território “não ser muito conhecido pelo sector financeiro” internacional e de não ter praticamente histórico no domínio obrigacionista. Não esquecendo a existência, na vizinhança, de “um centro financeiro de nível mundial como Hong Kong”.

A concorrência na região é forte, concorda Félix Pontes. A emissão internacional de obrigações por entidades a operar na Ásia, contextualiza, “cresceu mais de cinco vezes de 2006 (US\$106 mil milhões) para 2020 (US\$575 mil milhões), com os centros financeiros asiáticos a ganharem quota crescente”. E, nesta

Passos para um mercado obrigacionista em Macau

2018

AGOSTO

O Governo Popular da Província de Guangdong emite Obrigações Especiais da Reserva Territorial da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, iniciativa que conta com a participação de três instituições financeiras de Macau: o Banco Industrial e Comercial da China (Macau), o Banco Luso Internacional e a Sucursal de Macau do Banco da China. Trata-se da primeira vez que instituições financeiras de Macau participam na distribuição de obrigações de governos locais do Interior da China.

OUTUBRO

É criada a sociedade Transacção de Bens Financeiros de Chongwa (Macau), S.A. (MOX), oferecendo uma plataforma de prestação de serviços, em Macau, relativos a transacções de obrigações. É fundada pelo Grupo Nam Kwong, de capitais estatais.

2019

JULHO

O Ministério das Finanças da República Popular da China emite em Macau títulos de dívida no montante de 2 mil milhões de renminbi, para “apoiar o desenvolvimento do mercado de títulos do território”.

2021

OUTUBRO

O Governo Popular da Província de Guangdong emite, em Macau, títulos de dívida em renminbi “offshore”, num valor total de 2,2 mil milhões de renminbi e com uma maturidade de três anos. É a primeira emissão de títulos de dívida de um governo local do Interior da China em Macau.

DEZEMBRO

É lançada a Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau, que fornece serviços de registo, depósito e liquidação de valores mobiliários. O primeiro dia de operações fica marcado pelo registo e depósito de duas emissões de obrigações.

2022

JANEIRO

A Autoridade Monetária de Macau passa a poder atribuir um Número Internacional de Identificação de Títulos (ISIN, na sigla em inglês) a obrigações emitidas localmente. O código, aceite a nível mundial, eleva a eficiência no que respeita à emissão de obrigações.

realidade, destaca-se Hong Kong, que “ultrapassou os centros financeiros não-asiáticos para se tornar o sítio mais procurado” para a emissão deste tipo de títulos internacionais. Para o economista, há que ter também em conta outros centros financeiros desta região geográfica, como Singapura e Malásia, que “dispõem de reconhecimento internacional e que estão a funcionar há já muitos anos”.

João Rato entende que a concorrência deve ser vista como “um forte incentivo” para encontrar “factores diferenciadores”. Tal pode passar pela “competitividade ao nível do preço e da fiscalidade associada ao mercado de obrigações”, sugere.

No capítulo da regulação, Tirso Olazabal propõe introduzir “benefícios à emissão de obrigações em Macau”. O advogado aponta também a possibilidade de “isenções fiscais com carácter permanente”, bem como a redução dos “custos de emissão e listagem”, por forma a tornar o mercado mais “competitivo” na região.

Actualmente, segundo a AMCM, são várias as medidas em vigor em termos da livre circulação de capitais e da competitividade fiscal. Tal inclui a isenção fiscal de imposto complementar de rendimentos aos juros e rendimentos obtidos através de obrigações emitidas em Macau, ficando ainda isentos do imposto de selo os actos de emissão, compra e venda, ou de cessação onerosa, de obrigações que sejam emitidas na RAEM.



A Central de Depósito de Valores Mobiliários constitui uma infra-estrutura financeira fundamental e indispensável para os mercados internacionais maduros de obrigações

LEI WAI NONG

SECRETÁRIO PARA A ECONOMIA E FINANÇAS

Ainda sobre a questão da escala do mercado de obrigações de Macau, João Rato acredita que “pode ser mitigada”. Para tal, aponta soluções como “a criação de parcerias, regionais e internacionais”, para aumentar a “visibilidade e liquidez do mercado, principalmente no mercado secundário”.

Desafios do mercado obrigacionista

A par da escala do mercado local, a “falta de uma estrutura diversificada e experiente” é também um desafio para Macau, considera Tirso Olazabal. Actualmente, elenca, há apenas “uma sociedade com

licença para prestar serviços de ‘asset management’, duas sociedades de locação financeira e duas instituições de intermediação financeira que prestam serviços de ‘broker’”.

A falta de mão-de-obra especializada pode ser outra dificuldade para o sector na sua fase inicial. Mas a académica Rose Lai acredita no “potencial” do mercado local. “Com algum tempo e oportunidades neste novo projecto, estou certa de que as pessoas em Macau serão capazes de corresponder às expectativas”, diz.

Félix Pontes propõe contar também com os estudantes do Interior da China que frequentam as



A Sucursal de Macau do Banco da China foi uma das primeiras entidades a registar uma emissão de obrigações na Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau

© CHEONG KAM KA

universidades de Macau. O economista recorda que estão “sempre posicionados nas primeiras posições no ‘ranking’ dos alunos”. Por isso, sugere a adopção de medidas similares àquelas que existem em Hong Kong, que promovam a absorção dos estudantes do Interior da China pelo mercado laboral local após a conclusão dos respectivos estudos.

Do lado do Governo, e para melhor dinamizar o sector, a AMCM diz poderem ser “promovidas acções de formação” através do Instituto de Formação Financeira. O organismo espera que, com o

desenvolvimento do sector, Macau “possa atrair mais emissores qualificados e investidores potenciais”.

Na rota dos desafios é ainda elencada a necessidade de adaptar a legislação financeira, que Tirso Olazabal considera “insuficiente”. O Governo está a trabalhar nesse sentido e, acredita o advogado, “toda esta revolução legislativa terá um papel preponderante no desenvolvimento sustentável do mercado financeiro de Macau”. Quanto ao trabalho legislativo em curso, a AMCM dá conta da elaboração de um regime jurídico estipulando normas para o mercado de

valores mobiliários, bem como da reformulação do Regime Jurídico do Sistema Financeiro. Esta última prevê, segundo a AMCM, a optimização do regime de emissão de obrigações, a introdução da autorização de bancos de investimento e a extensão do âmbito das actividades dos intermediários financeiros.

O enquadramento legal e a regulamentação específica, nota João Rato, “poderão ser decisivos para atrair e dar mais confiança aos vários ‘stakeholders’, nomeadamente emitentes e investidores internacionais”, em relação ao mercado obrigacionista de Macau. ▲

TURISMO INCLUSIVO

Macau acessível a todos

O Governo da RAEM diz que o turismo inclusivo e sem barreiras é uma prioridade. Os esforços são elogiados por académicos e entidades de cariz social





Texto | Emanuel Graça*

O TURISMO inclusivo ou acessível tem como fim garantir que todas as pessoas – independentemente da condição física, mental ou social – desfrutem de experiências turísticas de qualidade. O tema tem vindo a ganhar peso com o envelhecimento da população a nível mundial e o aumento do número de pessoas com limitações motoras. Macau segue a tendência global, com uma aposta – reforçada nos últimos cinco anos – nas boas práticas de inclusão e acessibilidade para visitantes.

Uma das mais recentes iniciativas neste campo foi o lançamento pela Direcção dos Serviços de Turismo (DST), em Fevereiro, de uma série de vídeos educativos sobre como “Construir uma mentalidade de serviço positiva”, disponível online. O organismo explica que a série tem seis episódios e é destinada à formação de funcionários da indústria do turismo, tendo como objectivo promover o aumento da capacidade de actuação e técnicas de gestão emocional dos profissionais do sector, de forma a elevar o nível geral dos serviços prestados. A Associação de Surdos de Macau, entidade com quem a DST coopera neste âmbito, tratou da interpretação em linguagem gestual, visando ampliar o público-alvo da formação.

Antes disso, em Novembro do ano passado, a DST – também em

parceria com a Associação de Surdos – tinha lançado um curso online de aprendizagem de língua gestual, tendo como alvo profissionais do sector turístico. Disponível através da Página Electrónica da Indústria Turística de Macau, o conteúdo do curso cobre vocabulário gestual sobre informações culturais e turísticas relativas à Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, bem como frases para conversação diária, aumentando assim a capacidade de comunicação dos profissionais locais com pessoas portadoras de deficiência auditiva.

“A DST entende que o turismo acessível é um factor importante

para o desenvolvimento de Macau como cidade de turismo”, refere o organismo. “Neste sentido, continuará a cooperar activamente para o aperfeiçoamento de um ambiente sem barreiras e a organizar formação para melhorar o serviço e a qualidade dos funcionários da DST e dos operadores turísticos”, garante.

Penny Wan Yim King, académica do Instituto de Formação Turística de Macau com investigação publicada na área do turismo inclusivo, lembra que viajar é um direito. O Código Mundial de Ética para o Turismo, aprovado pela Organização Mundial do Turismo,



O turismo para pessoas com mobilidade reduzida é um segmento em crescimento, salientam diversos especialistas



refere que o direito universal ao turismo “deve ser encarado como um corolário do direito ao descanso e lazer”. Neste sentido, “o turismo familiar, jovem, estudantil e sénior, assim como o turismo para pessoas portadoras de deficiência, deve ser encorajado e facilitado”, acrescenta o documento.

Em Macau, Penny Wan realça medidas como o lançamento do “Guia de Turismo Livre de Barreiras” (ver caixa), acessível através da página electrónica da DST, e que disponibiliza informação sobre as zonas turísticas e hotéis preparados para receber visitantes com necessidades especiais.

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO



Seminário sobre comunicação com pessoas portadoras de deficiência, pela DST

Trabalho em curso

A DIRECÇÃO dos Serviços de Turismo (DST) diz estar a trabalhar para criar em Macau um ambiente de turismo inclusivo e de deslocação sem barreiras. O objectivo, refere o organismo em resposta à Revista Macau, é facilitar a movimentação e a vida de idosos e portadores de deficiência, sejam eles locais ou visitantes.

Desde 2018, a DST tem vindo a organizar diversas actividades de formação direccionadas aos funcionários do organismo e à indústria, para “elevar a sensibilidade sobre o assunto” e promover a “preparação para lidar com pessoas com necessidades especiais”, sublinham os Serviços. Essas acções, organizadas em conjunto com instituições não-governamentais – incluindo associações especializadas e grandes operadoras de turismo –, têm contado com forte participação.

A DST destaca também a realização de vídeos educativos para formações online sobre atitude e técnicas de atendimento ao cliente, e de interpretação em linguagem gestual. Além disso, a nova página electrónica da DST foi concebida segundo os padrões internacionais de promoção da acessibilidade e inclusão digital. ▲



Área de exposição táctil do Museu do Grande Prémio de Macau

© DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

Acelerar num museu sem barreiras

A REMODELAÇÃO do Museu do Grande Prémio de Macau é um dos exemplos do empenho das autoridades locais em criar uma cidade mais inclusiva para os visitantes. Em resposta à Revista Macau, a Direcção dos Serviços de Turismo (DST), responsável pelo projecto, diz terem sido adoptadas várias medidas para corresponder aos requisitos de visitantes com necessidades especiais.

O organismo refere que o novo layout do edifício foi pensado de forma a promover a acessibilidade. Além de contar com diversos elevadores, rampas, plataformas elevatórias e casas de banho acessíveis, o museu possui espaços destinados a utentes em cadeiras de rodas, bem como faixas

de alerta e sinalética táctil em todos os pisos.

A DST acrescenta que a bilheteira e o balcão de informações, a par da sala multifunções, contam com um sistema de amplificação sonora para aparelhos auditivos, e que as cores utilizadas na decoração e nos painéis gráficos “foram cuidadosamente seleccionadas” de forma a promover uma visualização e leitura fáceis. Em colaboração com a Universidade de São José, refere a DST, foi criada uma área de exposição táctil com modelos de carros de corrida produzidos através de impressão 3D, acompanhados de informação em linguagem Braille para visitantes portadores de deficiência visual. ▲

“Agora já é possível saber de antemão quais são os hotéis com quartos e áreas de restauração adaptados. Claro que é apenas um começo”, acrescenta.

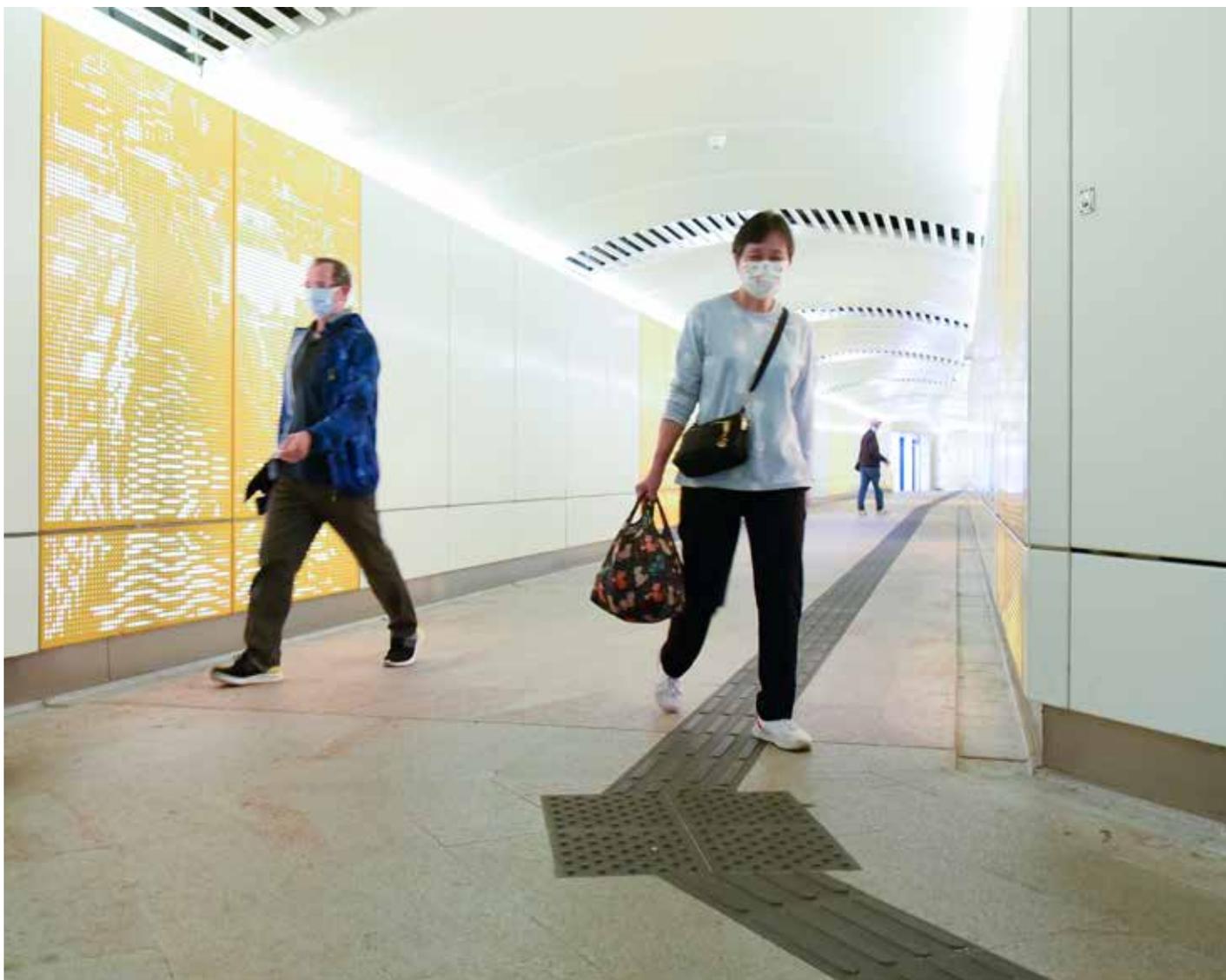
Na direcção certa

A promoção de um turismo cada vez mais inclusivo em Macau conta com

o apoio de diversos departamentos governamentais. Por exemplo, no campo da mobilidade, a Direcção dos Serviços de Solos, Obras Públicas e Transportes tem vindo a seguir normas de “design universal” para facilitar o acesso de pessoas portadoras de deficiência às novas vias de circulação, bem como a vias fruto de remodelação. Tal inclui a utilização

de pisos tácteis ou o rebaixamento de passeios nas zonas das passadeiras e de atravessamento pedonal, bem como a instalação de elevadores públicos com dispositivos de voz e sinais sonoros para a indicação de pisos e botões com gravações em relevo em linguagem Braille.

Além disso, as autoridades da RAEM têm vindo a reforçar e



A utilização de pisos tácteis no espaço público é uma das medidas do Governo para facilitar a circulação de pessoas portadoras de deficiência

optimizar a rede de casas de banho públicas, nomeadamente no que toca a instalações para pessoas com deficiência.

Em relação aos transportes públicos, há uma crescente aposta em autocarros que facilitem a sua utilização por pessoas com mobilidade reduzida, invisuais ou com incapacidade auditiva. Estão também disponíveis em Macau táxis especiais acessíveis, equipados com rampa segura ou plataforma elevatória para acesso ao veículo e dispositivo para fixar cadeiras de rodas, entre outros equipamentos. Todos os táxis especiais possuem taxímetros com sistema sonoro, para facilitar a utilização do serviço por invisuais.

Esther Kou Iok Teng, académica especializada em gestão turística e ligada à Universidade da Cidade de Macau, diz que o território está no caminho certo, ou seja, de um turismo cada vez mais inclusivo tanto para visitantes como para quem trabalha na indústria. Segundo acrescenta, a tendência tem vindo a ser reforçada, no seguimento do posicionamento da cidade como centro mundial de turismo e lazer.

“A pandemia mostrou que precisamos diversificar e aproveitar oportunidades”, salienta Esther Kou. A académica nota, por exemplo, que o mais recente relatório sobre audição a nível global, publicado pela Organização Mundial de Saúde, destaca o grande mercado em potência representado pelos turistas com deficiência auditiva.

“Bastam pequenas mudanças na oferta actual para os atrair”, refere. “Este é um bom momento para Macau aplicar mais recursos no desenvolvimento desse mercado.”

O turismo acessível é um factor importante para o desenvolvimento de Macau como cidade de turismo

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

O relatório, referente a 2021, alerta para o aumento do número de pessoas com deficiência auditiva devido ao envelhecimento populacional. “Macau, como cidade turística, deve ter isto em consideração e começar a trabalhar no turismo de qualidade para este segmento em crescimento”, concorda Cherry Leong Chao Man, dirigente da Associação de Surdos de Macau.

“Quando se fala actualmente em turismo inclusivo, a grande questão é como podemos incluir aqueles que não o foram já”,

acrescenta a responsável, sublinhando os avanços registados em Macau. Entre as mudanças que elogia, encontram-se a disponibilização de informação diversa e vários tipos de serviços, tanto em organismos públicos como em alguns hotéis, a pensar nas pessoas com deficiências auditivas. Para Cherry Leong, faz sentido Macau, enquanto cidade que procura oferecer um turismo de qualidade, dar um passo em frente e apostar num plano de desenvolvimento turístico holístico.

O secretário-geral da Cáritas Macau, Paul Pun Chi Meng, destaca os conteúdos disponíveis na página electrónica da DST, nomeadamente através do “Guia de Turismo Livre de Barreiras”, elaborado com o apoio da instituição. Entre outros, encontram-se vídeos sobre as infra-estruturas, locais turísticos e hotéis que estão preparados para receber pessoas portadoras de deficiência, em particular pessoas com limitações motoras. “Foi um passo fundamental porque reduziu a dependência de terceiros, permitindo que essas pessoas circulem sozinhas” nos espaços turísticos de Macau, realça.

No leque de avanços, Paul Pun inclui também a Accessible Travel Agency, com nome oficial em português Agência de Viagens Kin Hang. A empresa social sob a alçada da Cáritas Macau, criada em 2009, oferece um serviço de deslocação em torno da cidade através de cinco autocarros adaptados, que podem



ser requisitados para fins turísticos ou outros.

Outra garantia de maior autonomia na cidade, de acordo com Paul Pun, foi o lançamento de um serviço de mini-autocarro pela Cáritas, adaptado para receber utentes

em cadeiras de rodas. O responsável explica que o veículo não foi pensado para promover o turismo inclusivo, mas pode ser usado com esse fim já que algumas das paragens são em pontos turísticos e hotéis da cidade. O transporte faz dois trajectos, entre

as 08:00 e as 20:00 horas, e é gratuito, apesar de restrito a residentes.

Turistas fiéis

A académica Penny Wan alerta para as oportunidades que o

Informação a um clique de distância

O “GUIA de Turismo Livre de Barreiras” – lançado em 2020 – é uma das principais ferramentas de promoção do turismo inclusivo em Macau. Disponível em chinês tradicional e simplificado, português e inglês, pode ser consultado online através da página electrónica <https://www.macaotourism.gov.mo/pt/barrier-free-access-guide>, desenhada especialmente para ser utilizada por pessoas com necessidades especiais, incluindo através de software de leitura de ecrã.

O guia, resultante de uma colaboração entre a Direcção dos Serviços de Turismo e a Cáritas Macau, avaliou o nível de acessibilidade de dezenas de pontos turísticos. Ao todo, a plataforma possui informação sobre cerca de 150 locais, entre hotéis e centros comerciais, zonas de entrada e saída da cidade, e espaços de exposições e convenções.

No guia, podem ser consultados a morada, horários e contactos de cada local. Além disso, são disponibilizados detalhes sobre a existência de elevadores, casas de banho (e se são adaptadas a pessoas portadoras de deficiência), berçários e escadas. Os utilizadores podem ainda obter informação sobre os autocarros públicos que servem cada local, assim como as características dos veículos.

Para alguns pontos turísticos, são disponibilizados vídeos de orientação com narrador, para que utentes em cadeira de rodas possam conhecer a situação real do pavimento, de modo a planear um percurso de deslocação apropriado. ▲





Vários estudos mostram que pessoas com algum tipo de incapacidade são clientes fiéis, que voltam às cidades ou destinos onde conseguem gozar de mobilidade

PENNY WAN YIM KING
ACADÉMICA DO INSTITUTO DE
FORMAÇÃO TURÍSTICA DE MACAU

turismo inclusivo pode oferecer a Macau. “Vários estudos mostram que pessoas com algum tipo de incapacidade são clientes fiéis, que voltam às cidades ou destinos onde conseguem gozar de mobilidade, para onde é fácil para elas viajar e onde se sentem bem-vindas. Além de serem clientes leais e que regres- sam, normalmente trazem sempre entre um a dois acompanhantes”, sublinha.

Já Cherry Leong enfatiza que a autonomia de turistas com proble- mas de audição pode ser assegura- da através de ligeiras adaptações. “Usar linguagem gestual, haver

guias que a saibam e códigos QR com sinalética apropriada são pe- quenos pormenores que melhoram a qualidade da visita e garantem a inclusão.”

Numa altura em que já há ho- téis de luxo com quartos adapta- dos, Penny Wan afirma que o esfor- ço deve alastrar-se a outras áreas como o comércio, restauração, en- tretenimento e lazer. A par disso, a académica aponta como prioridade a formação adequada dos trabalha- dores da indústria turística.

“A inclusão também tem que ver com a nossa mentalidade e atitude”, diz Penny Wan. “Os

profissionais do sector precisam de saber quais são os requisitos e entender os sentimentos destas pessoas. Invisuais, pessoas com incapacidade auditiva e portado- res de outras deficiências têm ne- cessidades e exigências distintas”, vinca. “Não podemos generalizar e precisamos de perceber exac- tamente o que precisa cada um e como se sente, para que depois se desenvolvam serviços e produtos que correspondam às necessidades específicas de cada grupo”, alerta.

A académica Esther Kou re- corda que o conceito de turismo inclusivo e sem barreiras mudou. A tónica deixou de estar somente em quem tem deficiências, para passar a considerar toda a popu- lação. “A ambição a longo prazo é tornar os destinos e serviços acessíveis a todos. Por exemplo, uma mãe com um recém-nascido também encontra obstáculos. Se as infra-estruturas estiverem pen- sadas e adaptadas, vai conseguir mover-se como qualquer outra pessoa”, exemplifica. “Macau tem muito potencial para desenvolver mais ofertas inclusivas”, reforça.

A ambição final, enfatiza Penny Wan, é que se adopte um “design universal” no espaço público, que todos possam usar. “A concepção de serviços e produtos com esse prin- cípio acabará com o sentimento de minoria e de inferioridade que muitos sentem, mesmo não tendo qualquer deficiência.” ▲

*com Catarina Brites Soares

COMÉRCIO ELECTRÓNICO

Empresas de Macau de olho no “live streaming”

Se o comércio electrónico era uma ideia que estava nos planos das empresas de Macau, neste momento, muitas já passaram à acção, muito por culpa da pandemia da COVID-19. A estratégia de divulgação e venda de produtos através de “live streaming” também veio para ficar e ajuda a explorar o vasto mercado do Interior da China

Texto | Tony Lai

A PANDEMIA da COVID-19 tem sido uma montanha-russa para algumas empresas de Macau, levando-as a procurar alternativas sustentáveis para as suas operações. Perante a incerteza do mercado, plataformas de comércio electrónico e de “live streaming” estão a tornar-se ferramentas populares para expandir negócios e minimizar os efeitos da crise de saúde pública.

O volume de negócios da pastelaria tradicional de Macau Alua e Comidas Portuguesa Kam In tem tido altos e baixos nos últimos dois anos. Sempre que houve novos casos de COVID-19 em Macau ou na província vizinha de Guangdong, o negócio foi imediatamente afectado – com as vendas a cair mais de 90 por cento –, devido ao apertar das restrições nas fronteiras, diz a proprietária, Ho Kam In, à Revista Macau. A marca gere duas lojas Kam In em pontos turísticos nobres de Macau.

Para lidar com este desafio, Ho Kam In está agora a tentar atrair clientes através do chamado “live commerce”, no qual alguém, desde influenciadores a lojistas, divulga e vende produtos ou serviços a clientes através de transmissões de vídeo ao vivo, ou “live

streaming”, em diferentes plataformas de comércio electrónico ou em redes sociais.

A loja Kam In tem agora sete tipos de produtos, incluindo biscoitos de amêndoa e Bicho-Bicho (biscoitos de manteiga), apresentados regularmente em sessões de “live streaming” nas mais populares plataformas do Interior da China, como o Taobao e o Douyin (a versão chinesa do TikTok). “O ‘live commerce’ tem-nos ajudado a manter o nosso negócio a funcionar em tempos difíceis”, afirma Ho Kam In, adiantando que a marca até conseguiu gerar vendas de mais de 100 mil renminbi (cerca de 126 mil patacas) durante uma sessão de três horas.

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) espera que outras empresas locais sigam o exemplo da loja Kam In, adoptando o novo modelo de negócio para se aventurarem no mercado do Interior da China. Na última década, numa nova era digital, o comércio electrónico tem sido uma tendência tanto nacional como mundial, mas a ascensão do “live commerce” no Interior da China começou há apenas alguns anos.

Segundo um relatório recente da agência chinesa de serviços e análise de dados Fastdata, o valor das



O “live commerce” tem apoiado o desenvolvimento de empresas de Macau

© DIREITOS RESERVADOS

transacções feitas através de “live commerce” no Interior da China atingiu 1,09 mil biliões de renminbi na primeira metade de 2021. Um valor que representa quase 85 por cento de todo o ano de 2020 e que reflecte um enorme aumento em comparação com apenas 26,8 mil milhões de renminbi em 2017. O relatório também indica que o sector de “live commerce” representou cerca de um sexto das transacções transfronteiriças de comércio electrónico, cujo valor atingiu 6,11 mil biliões de renminbi na primeira metade de 2021.

O Governo de Macau lançou recentemente várias iniciativas para encorajar as empresas locais a apostar no comércio electrónico, particularmente dirigidas às pequenas e médias empresas (PME) que dependem

principalmente do modelo tradicional da loja como um espaço físico. “O Governo da RAEM tem sempre um papel activo a apoiar as PME a aproveitar as vantagens da actual tendência do comércio electrónico e a encorajar as PME a explorar oportunidades de negócio através da Internet e outros métodos electrónicos. A sua competitividade poderá sair reforçada por uma mudança para o modelo do comércio electrónico”, disse à Revista Macau a Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico (DSED).

A DSED tem ajudado a organizar e continua a encorajar as PME locais a aderirem a vários eventos de comércio electrónico para que “as empresas de Macau possam explorar o enorme mercado do Interior da

China através de plataformas de comércio electrónico e de modelos de vendas como o ‘live commerce’”, afirma a DSED, acrescentando que um popular influenciador chinês conseguiu vender produtos de Macau no valor de mais de 7 milhões de renminbi numa só sessão de “live streaming”. A DSED diz também que organizou e apoiou nos últimos anos uma série de seminários e sessões de formação e intercâmbio sobre o comércio

electrónico, para que as empresas locais conheçam mais sobre esta tendência de negócio.

Obstáculos a ultrapassar

Matthew Liu Ting Chi, professor de marketing na Universidade de Macau, acredita que cada vez mais empresas de Macau, especialmente PME, se vão aventurar

Tempo para crescer

NÃO é fácil construir um negócio online, mas Macau tem vantagens únicas que podem ser aproveitadas para fazer brilhar os produtos locais num mercado competitivo, especialmente entre a vasta gama de produtos disponíveis nas plataformas de comércio electrónico do Interior da China.

Juli Chu, directora-executiva da Macau Live Streaming Station (MBU), considera que “Macau já é uma marca” associada à qualidade aos olhos dos consumidores do Interior da China. “Mas os meus 12 anos de experiência em comércio electrónico dizem-me que o que importa não são realmente as preferências dos consumidores, mas sim como os comerciantes promovem os seus produtos”, acrescenta.

“Não é realista contar com vendas de milhões imediatamente após abrir uma loja de comércio electrónico e realizar uma sessão de ‘live streaming’”, sublinha. “É preciso tempo e empenho para expandir o negócio do comércio electrónico, tal como com as lojas físicas.”

Essa é também a experiência de Ho Kam In, da Alua e Comidas Portuguesa Kam In. A pastelaria tradicional acaba de investir na criação de uma unidade de produção num prédio industrial na Areia Preta. “Com a nossa própria fábrica, esperamos que o processo de desalfandegamento e os procedimentos logísticos [para os nossos produtos] possam no futuro ser mais simples e convenientes, para que possamos expandir os nossos negócios

[via comércio electrónico]”, explica a empresária.

“Ninguém sabe quando a pandemia vai acabar (...), mas o comércio electrónico, principalmente o ‘live commerce’, é para nós uma tendência impossível de ignorar”, acrescenta Ho Kam In.

As autoridades de Macau prometem também continuar a ajudar as PME locais a planear e participar em “live commerce”, através de diferentes iniciativas. A Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico prevê continuar a “recolher opiniões dos operadores de comércio electrónico transfronteiriço sobre os desafios operacionais e discutir com as entidades competentes do Interior da China para facilitar o comércio electrónico transfronteiriço em Macau”. ▲



Ho Kam In, da pastelaria Alua e Comidas Portuguesa Kam In, diz que o “live commerce” é uma tendência impossível de ignorar

© DIREITOS RESERVADOS

online devido ao impacto negativo trazido pela pandemia. “No passado, quando a cidade recebia mais de 30 milhões de visitantes por ano, os comerciantes locais não precisavam de pensar em alternativas. O negócio era sustentável desde que tivessem as portas abertas”, argumenta o académico à Revista Macau. “Mas, dada a volatilidade causada pelos surtos de coronavírus, estas empresas agora precisam de pensar em formas diferentes de atrair os consumidores.”

Dados oficiais mostram que a cidade recebeu quase 7,71 milhões de viajantes em 2021, uma recuperação de 30,7 por cento em relação a 2020, mas que representa ainda apenas 20 por cento dos níveis de 2019, antes do início da pandemia.

Embora as empresas locais estejam agora mais dispostas a desenvolver operações online, Matthew Liu aponta obstáculos ainda por ultrapassar. “Um deles é que eles precisam de investir em marketing, promoção e outros aspectos para aumentar a presença e conhecimento da marca online, mas no actual ambiente de negócios podem não ter recursos para o fazer”, nota o académico.

Outro desafio são os procedimentos logísticos transfronteiriços. “Por exemplo, Macau é famosa entre os consumidores chineses pelos produtos alimentares típicos, mas o Interior da China tem requisitos rigorosos para a importação e exportação destes bens”, ilustra.

Lei Cheok Kuan, presidente da Federação da Indústria e Comércio de Macau Centro e Sul Distritos, concorda que são necessárias mudanças para que as empresas locais prosperem no novo ambiente de negócios. “Para exportar grandes quantidades de produtos alimentares de Macau [para o Interior da China], os comerciantes devem primeiro ter uma unidade de produção num espaço industrial para poder obter uma licença de fabrico alimentar”, explica Lei Cheok Kuan, acrescentando que muitas PME locais não têm recursos suficientes para uma empreitada dessa dimensão.

Os comerciantes locais também precisam dos recursos certos, em termos financeiros e de mão-de-obra, para lidar com os procedimentos de comércio electrónico, desde a logística até à gestão de stocks, promoção e imagem de marca. “Todas as empresas querem explorar o segmento de comércio electrónico, mas o problema é ter capacidade para isso”, avisa Lei Cheok Kuan à Revista Macau.

“E-comercialização”

Vários projectos – lançados recentemente com o apoio das autoridades – podem ajudar as empresas

locais, especialmente as PME, a superar os desafios. Uma das iniciativas apoiadas pela DSEDT é a Macau Live Streaming Station (MBU), que fornece uma série de serviços de apoio às PME de Macau interessadas em explorar o mercado do Interior da China através do comércio electrónico. Foi inaugurada oficialmente em Abril do ano passado, em colaboração com o Multinational Holdings Group, liderado pelo conhecido empresário local Lao Nga Wong, a Sociedade De Desenvolvimento Buyers De Macau Limitada e o gigante chinês de comércio electrónico Alibaba Group, que gere plataformas populares, como o Taobao e o Tmall.

Além de disponibilizar na cidade um espaço físico e instalações com cerca de 500 metros quadrados para actividades de “live streaming”, a MBU ajuda as empresas locais a “e-comercializar” os seus produtos. “Não se trata simplesmente de colocar os produtos à venda online – os comerciantes também precisam de juntar fotos, vídeos e descrições aos seus produtos para atrair clientes, bem como fixar preços competitivos e planear os procedimentos de armazenamento e logística [para entrega do outro lado da fronteira]”, refere Juli Chu, directora-executiva da MBU, em declarações à Revista Macau.

A Macau Live Streaming Station também gere a chamada secção “100 Lojas em Macau” no Taobao, que trata de todos os procedimentos de comércio electrónico para os comerciantes locais, que apenas necessitam de fornecer informações sobre os produtos e enviá-los por correio para os clientes quando recebem uma encomenda. “Sabemos que muitos comerciantes de Macau são PME, confiam no modelo de negócio tradicional da loja física, e podem não ter recursos e tempo para montar as suas próprias lojas de comércio electrónico e ter uma equipa dedicada”, explica Juli Chu.

A MBU celebrou acordos de cooperação com 82 “live streamers” do Interior da China, para além de apoiar a formação de “live streamers” de Macau, para promover os produtos da cidade no outro lado da fronteira. “Servimos de ponte entre os comerciantes de Macau e os ‘live streamers’ do Interior da China, para



© DIREITOS RESERVADOS



“ Servimos de ponte entre os comerciantes de Macau e os ‘live streamers’ do Interior da China

JULI CHU
DIRECTORA-EXECUTIVA
DA MACAU LIVE STREAMING STATION

atrair os consumidores do mercado chinês”, acrescenta a directora-executiva.

Em menos de um ano após a inauguração, a Macau Live Streaming Station alcançou resultados positivos: trabalha actualmente com cerca de 40 marcas e comerciantes locais, incluindo a Kam In, a cadeia local Padaria da Guia e a marca de joalharia Seng Fung Jewellery. As sessões de “live streamers” ligados à MBU conseguiram vender produtos de Macau no valor de mais de 100 milhões de renminbi no ano passado.

Ir mais além

A DSEDТ apoiou ainda a Associação da Indústria de Transfronteira E-Commerce de Macau e a empresa Macau Newland Global Shopping Cross-Border E-Commerce no lançamento, em Dezembro último, do projecto Macau Plaza, que fornece a empresas de Macau serviços integrados de logística, armazenamento, desalfandegamento e marketing para a venda

de produtos em plataformas de comércio electrónico do Interior da China. Outras iniciativas apoiadas pela DSEDТ incluem o Macau E-commerce Festival, que tem sido organizado pela Associação Internacional de Desenvolvimento de Indústria Tecnológica de Macau nos últimos quatro anos.

Rainbow Lei, presidente da associação, diz que o festival foi criado para promover o uso de ferramentas tecnológicas por parte das PME locais, acrescentando que “a importância da tecnologia” se tornou particularmente evidente durante a pandemia da COVID-19. “O festival quer atrair consumidores a comprar em plataformas locais de comércio electrónico, ao mesmo tempo que ajuda as PME locais a expandir a sua base de clientes, através do marketing online e do comércio electrónico”, conta Rainbow Lei, em entrevista à Revista Macau.

A dirigente associativa revela que, segundo dados preliminares, as vendas durante a última edição do festival, entre Novembro e Dezembro do ano passado, atingiram cerca de 10 milhões de patacas, três vezes mais do que na edição de 2020. A responsável espera que o festival possa crescer nos próximos anos, incorporando plataformas de comércio electrónico transfronteiriças e do Interior da China, para ajudar as PME locais na expansão para o vasto mercado do outro lado da fronteira.

A DSEDТ lançou também o chamado Plano das Lojas com Características Próprias, em Julho de 2020, para ajudar as mais distintivas lojas de comércio a retalho e estabelecimentos de alimentos e bebidas de Macau a ter mais exposição e a melhorar o nível de serviço. Um dos objectivos do plano – que agora abrange 190 estabelecimentos de alimentos e bebidas e 29 lojas de artesanato – é ajudar as empresas a realizarem apresentações nas mais populares plataformas de comércio electrónico e redes sociais do Interior da China, diz a DSEDТ. Algumas das empresas mencionaram um aumento de 30 a 50 por cento nas receitas dos espaços físicos, enquanto algumas notaram que a sua presença online cresceu quase quatro vezes desde que aderiram ao plano, acrescenta o organismo. ▲

TRADIÇÃO

A arte de vender chá

Há mais de 50 anos que a empresa Va Luen oferece centenas de chás, com diferentes formatos, sabores e origens. O fundador, Chang Chi Fai, não esconde segredos e diz que conhecer as características e as nuances de cada chá é essencial para garantir a qualidade dos seus produtos

Texto | Tony Lai

Fotografia | Cheong Kam Ka



NA VA LUEN, uma empresa de chá com três pontos de venda na Rua de Cinco de Outubro, um dos bairros mais antigos de Macau, não é fácil escolher entre centenas de opções. Só no que toca às variedades de chá, a Va Luen oferece ‘pu’er’, ‘longjing’ (conhecido como chá de poço de dragão), ‘tieguanyin’ e ‘lu’an’ (também chamado de chá de semente de melão), entre outras, originárias de diferentes lugares, incluindo das províncias de Zhejiang, Jiangsu, Yunnan, Anhui e

Fujian, no Interior da China. São chás de colheitas de diferentes anos que podem ser vendidos em folhas, tijolos, bolos e muito mais.

A variedade é imensa, mas não guarda quaisquer segredos para Chang Chi Fai, de 85 anos, que de forma entusiasmada debita informações sobre as características e sabores de cada tipo de chá. A experiência de Chang, acumulada desde 1965, quando estabeleceu a Va Luen, valeu-lhe a reputação de “Rei do Chá de Macau” e consagrou o estatuto da empresa não

só na cidade, mas também além-fronteiras.

De distribuidor a produtor

Desde a sua criação que a Va Luen – distribuidora exclusiva em Macau da empresa estatal de chá China Tea Co. Ltd. – apresenta uma vasta gama de chás provenientes de diferentes locais do Interior da China, atendendo às necessidades de residentes e visitantes, bem como de restaurantes chineses, hotéis e operadores de ‘resorts’ em toda a

cidade. “Há mais de 30 anos que também importamos e vendemos folhas de chá de Taiwan e Sri Lanka”, acrescenta Chang, em entrevista à Revista Macau.

Além de vender os produtos da China Tea, desde a década de 90 que a Va Luen produz as suas próprias infusões, tratando e misturando folhas de chá vindas do Interior da China. Entre os produtos mais conhecidos da Va Luen estão os bolos de chá ‘pu’er’ produzidos em 1997 e 1999, para celebrar,

respectivamente, a criação das duas regiões administrativas especiais chinesas, Hong Kong e Macau. “No que toca ao ‘pu’er’, quanto mais antigas as folhas, melhor o sabor do chá”, explica o proprietário. “Por isso, alguns dos nossos bolos ou tijolos de ‘pu’er’ produzidos há 20 anos podem agora custar 8 mil patacas cada um, ao invés das 100 patacas que custavam quando foram produzidos”, acrescenta.

Além das lojas, a Va Luen tem em Macau diversos armazéns com

uma área total de cinco mil metros quadrados. “A armazenagem é um elo crucial no nosso negócio: temos de adquirir o máximo possível de folhas de chá quando os locais de origem têm uma boa época de colheita, para compensar alturas em que a produção seja baixa”, explica Chang. “Os armazéns têm ambientes diferentes: alguns têm de ser secos só para armazenar, enquanto outros têm de ser mantidos em condições ligeiramente húmidas para que as folhas possam continuar a



A empresa oferece centenas de chás, com diferentes sabores e origens

fermentar”, antes de serem transformadas e vendidas, acrescenta o veterano empresário.

Do vinho de arroz ao chá

Embora esteja no sector do chá há mais de cinco décadas, Chang tornou-se primeiramente conhecido por um outro produto: o vinho de arroz. Foi na década de 50, aos 18 anos, que começou a ajudar o pai, um empresário chinês com origens peruanas, gerindo uma fábrica de vinho de arroz em Macau. Chang adquiriu equipamento moderno para a fábrica e melhorou as técnicas de produção. “A produtividade da fábrica triplicou em poucos anos e na altura chegou a fabricar mais de metade de todo o vinho de arroz de Macau”, sublinha com orgulho.

O sucesso em tão tenra idade – Chang tinha então apenas 20 e poucos anos – valeu-lhe um convite de Ho Yin, o já falecido magnata local, para a direcção da prestigiada Associação Comercial de Macau. Um lugar que o colocou em contacto com funcionários e representantes de empresas estatais no Interior da China.

Na década de 60, um funcionário da Nam Kwong, o único grupo estatal chinês com sede em Macau, pediu a Chang que lançasse um novo projecto de venda e distribuição de chá do Interior da China. Isto numa altura em que o Governo Central procurava estabelecer canais oficiais para o comércio de chá



A nossa filosofia é simples: vender chá de primeira qualidade a um terço do preço

CHANG CHI FAI
FUNDADOR
DA EMPRESA
DE CHÁ VA LUEN

chinês. “Era um risco, pois eu não tinha qualquer conhecimento sobre a indústria do chá e as pessoas de Macau naquela época não tinham dinheiro para gastar em folhas de chá de qualidade”, conta Chang.

Mas o apoio incondicional do pai e um sentimento patriótico levaram o empresário a empenhar-se no novo desafio. Após viajar durante cerca de meio ano pelo Interior da China para aprender mais sobre os diferentes tipos de chá e os processos de produção

e fabricação, Chang montou a Va Luen, juntamente com alguns parceiros, em 1965.

De olhos no mercado chinês

Sob a liderança de Chang, e agora do filho e do neto, a Va Luen cresceu e ganhou reconhecimento. Além de outras distinções, a empresa venceu recentemente o prémio de marca mais influente na edição de 2021 do Chinese Tea





Conhecer as características de cada chá é essencial para garantir a qualidade dos produtos

Brand Jin Ya (Golden Buds) Awards, um dos galardões mais importantes da indústria chinesa de chá.

“Sem armazéns de qualidade e conhecimento especializado não teria um lugar neste sector”, diz Chang. O empresário é também presidente honorário da Associação da Arte do Chá de Macau e, ao longo dos anos, tem partilhado os seus conhecimentos sobre a arte do chá com milhares de alunos em escolas ou instituições locais. “Não é para me gabar, mas sei muito sobre chá”, acrescenta.

Nos últimos anos, a Va Luen tem também começado a explorar o mercado do Interior da China para encontrar mais oportunidades de negócios, abrindo estabelecimentos comerciais em vários pontos da província de Guangdong, como Zhongshan, Xinhui e Guangzhou. A última loja a abrir portas foi em Zhuhai, no ano passado, e os produtos da marca local estão também disponíveis em plataformas chinesas de comércio electrónico.

A decisão de Va Luen de apostar no Interior da China deu certo. O chá com leite feito com chá vermelho de líchia ganhou popularidade nalgumas redes sociais chinesas e isso tem-se traduzido numa forte procura. “Só as nossas vendas de chá vermelho de líchia ultrapassaram mais de 100 mil patacas por dia”, salienta Chang. E sublinha, em jeito de resumo: “A nossa filosofia é simples: vender chá de primeira qualidade a um terço do preço”. ▲

GRANDE BAÍA GUANGDONG-HONG KONG-MACAU

Novos caminhos para o futuro



O Campo de Inovação da Grande Baía, com primeira edição marcada para Maio, pretende estimular o desenvolvimento integrado da região, através da cooperação entre os sectores público e privado

Texto | Marta Melo

SHENZHEN é a cidade eleita para receber a edição inaugural do Campo de Inovação da Grande Baía. Trata-se de um programa que visa estabelecer uma nova plataforma de intercâmbio entre os sectores público e privado, contribuindo com soluções para áreas-chave no desenvolvimento da região. Os líderes de organizações parceiras da iniciativa acreditam que esta pode aumentar a competitividade da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e abrir portas para novos projectos.

O programa, a ter lugar entre os dias 26 e 30 de Maio, inclui visitas de estudo a empresas e workshops colaborativos. A inscrição está aberta a representantes de empresas da região ou com investimentos nas principais áreas de desenvolvimento da Grande Baía, com idades entre os 35 e os 50 anos.

Durante as actividades do Campo de Inovação, os participantes serão divididos em grupos para, com o apoio de académicos e formadores

especializados, discutir e delinear soluções com vista a promover o progresso da Grande Baía. Essas propostas serão apresentadas a um painel de avaliação e posteriormente serão consolidadas e partilhadas com os governos das 11 cidades que compõem a Grande Baía – Dongguan, Foshan, Guangzhou, Huizhou, Jiangmen, Shenzhen, Zhaoqing, Zhongshan e Zhuhai, na província de Guangdong, além das regiões administrativas especiais de Macau e de Hong Kong.

A razão para a escolha de Shenzhen para o arranque do programa é clara, diz Sidney Cheng, director-executivo da sucursal de Macau da consultora Deloitte China, que organiza o Campo de Inovação. A cidade é apresentada como “impulsionadora da inovação” no âmbito da Grande Baía, com vantagens competitivas no que toca ao “desenvolvimento sustentável e avanços tecnológicos”, bem como na integração entre os sectores industrial e financeiro. Juntam-se a estes factores a conveniência ao nível de transportes e logística.

Apoio alargado

O Campo de Inovação pretende ser anual e conta com o apoio de várias organizações e instituições governamentais das cidades que integram a Grande Baía, assim como de diversas associações. O objectivo do programa é contribuir para o posicionamento da região como “plataforma-chave nos avanços

nacionais em ciência e tecnologia”, como definido pelo 14.º Plano Quinquenal Nacional (2021-2025), explica Sidney Cheng em entrevista por escrito à Revista Macau.



O presidente da Associação Industrial e Comercial de Macau, Kevin Ho King Lun, afirma que o Campo de Inovação da Grande Baía pode vir a ajudar Macau a “integrar-se melhor no desenvolvimento do país”

Esta será a mais-valia da iniciativa para o futuro da região. Segundo o responsável, ao reunir governos, empresas, profissionais qualificados, académicos, especialistas e grupos de reflexão sobre a Grande Baía, o Campo de Inovação vai permitir criar “uma plataforma para intercâmbios intersectoriais” e desenhar “soluções

inovadoras” que se ajustem às principais áreas de desenvolvimento da região. Nesta primeira edição, o foco estará nas ciências sociais, sustentabilidade e transformação digital.

Os organizadores do Campo de Inovação ambicionam que as ideias que resultem da semana de discussão saiam do papel e ganhem forma. O futuro, afirma Sidney Cheng, “depende da colaboração entre governos, empresas e talentos”. Por isso, explica, o programa estipula que as soluções a serem desenvolvidas pelos participantes sejam partilhadas com os governos das cidades da Grande Baía. A estratégia pretende estimular o estabelecimento de parcerias entre as diferentes partes, de forma a promover o desenvolvimento da região.

Mais competitividade

A importância do projecto da Grande Baía no plano nacional atrai governos e associações a aderirem ao Campo de Inovação. Do lado de Macau, além da Direcção dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico, também a Associação Industrial e Comercial de Macau é parceira do programa, com o presidente, Kevin Ho King Lun, a destacar o papel estratégico “significativo” da Grande Baía no desenvolvimento nacional.

Kevin Ho olha para o Campo de Inovação como uma “oportunidade valiosa” para empresários



e especialistas das 11 cidades da Grande Baía se reunirem num “diálogo de alto nível e intercâmbio intelectual”. O empresário está confiante nos resultados desta iniciativa: além de permitir incrementar “o entendimento mútuo e a construção de redes de contactos”, o Campo de Inovação pode vir a ajudar Macau a “integrar-se melhor no desenvolvimento do país” e a contribuir para as metas traçadas a nível nacional, defende.



Shenzhen é a cidade eleita para receber a edição inaugural do Campo de Inovação da Grande Baía

Do lado de Hong Kong, a procura de soluções para o progresso da Grande Baía é igualmente avaliada como uma oportunidade. Assim é na perspectiva da Federação das Indústrias de Hong Kong, que destaca a “massa crítica, com influência significativa no desenvolvimento económico e industrial da região”, das 14 mil empresas do território vizinho com operações na Grande Baía.

O presidente da federação, Sunny Chai Ngai Chiu, acredita que

iniciativas como o Campo de Inovação podem abrir caminho para que as empresas venham a beneficiar dos “recursos e oportunidades” existentes a nível regional, fazendo uso das “vantagens competitivas” das cidades da Grande Baía. “Acreditamos que este programa vai capacitar as empresas para contribuir para o avanço das indústrias de alta tecnologia e o desenvolvimento integrado regional”, conclui.

A Sociedade Parques de Ciência e Tecnologia de Hong Kong também se mostra otimista quanto ao impacto da iniciativa no futuro, considerando que será uma forma de aumentar a competitividade da região. Peter Mok, responsável para a Grande Baía na empresa pública de Hong Kong, sublinha a expectativa de que o Campo de Inovação possa “criar oportunidades mais amplas” para os talentos de Hong Kong e das cidades que constituem a Grande Baía. ▲

PROTECÇÃO AMBIENTAL

Um compromisso pelo ambiente

O sector hoteleiro uniu-se e criou uma associação que promete trabalhar para atingir as metas de protecção ambiental definidas no 14.º Plano Quinquenal da China

Texto | Tiago Azevedo

CHAMA-SE Aliança para o Desenvolvimento de Hotéis Verdes de Baixo Carbono (LCGHA, na sigla inglesa) e reúne mais de 30 empresas, organizações e instituições académicas de Macau e do Interior da China. O objectivo desta recém-criada associação é promover uma sociedade de baixo carbono, respondendo à estratégia de desenvolvimento verde delineada no 14.º Plano Quinquenal do Governo Central. A Aliança foi oficialmente lançada em Dezembro do ano passado, “impulsionada por uma missão para atingir o pico de carbono e a neutralidade de carbono em linha com as metas climáticas nacionais”, afirma a organização em comunicado. A nova organização “aspira a colaborar e a caminhar na senda dos avanços das indústrias hoteleiras, de turismo e construção, para aprofundar ainda mais os intercâmbios regionais e aumentar a consciência da importância dos comportamentos de baixo carbono”. “A LCGHA – que se fundamenta na ciência e é orientada para a acção – pretende mapear várias medidas inovadoras e viáveis para reduzir as emissões de carbono, facilitando a troca de conhecimentos profissionais, resultados de pesquisas e experiências entre os seus membros”, acrescenta.



A empresária Pansy Ho, presidente fundadora da Aliança, salienta que “a LCGHA se irá dedicar a aderir às políticas do país, tendo a Região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau como ponto de partida e a indústria do turismo como principal força motriz”.

“A aliança esforça-se para reunir as forças da indústria hoteleira, numa tentativa de acelerar a transição da indústria para uma operação de baixo carbono, com vista a uma economia mais verde, e também para estimular e maximizar a interação entre ecoturismo, comunidades verdes e economias verdes”, refere.

Nova era

As empresas da Grande Baía têm, desde o início, promovido proactivamente o desenvolvimento verde,

apoiando as estratégias climáticas do Interior da China, continua Pansy Ho. “O estabelecimento da Aliança anuncia uma nova era de desenvolvimento de baixo carbono na região, através do fornecimento de plataformas e horizontes ampliados, a par de mais oportunidades”, salienta.

A Aliança, diz a presidente fundadora, pretende atrair novos membros para que, em conjunto, a associação possa “empregar uma abordagem abrangente para atender às metas climáticas da nação e do Governo de Macau”.

Para reduzir os riscos ligados às mudanças climáticas, a LCGHA pretende facilitar intercâmbios entre as indústrias, pelo que irá convidar regularmente organizações profissionais, instituições académicas e especialistas para partilharem os seus conhecimentos



A Aliança para o Desenvolvimento de Hotéis Verdes de Baixo Carbono foi oficialmente lançada em Dezembro de 2021



Um seminário sobre os objectivos de neutralidade de carbono da China teve lugar durante a cerimónia de inauguração da organização

e experiências práticas, bem como organizar visitas de estudo a hotéis que representam exemplos ecológicos ou a edifícios verdes na Grande Baía. Além disso, a Aliança visa juntar esforços com o Governo de Macau e outras associações para promover a conservação de energia e conceitos de baixo carbono junto das gerações mais jovens, com o objectivo de aumentar a consciencialização sobre protecção ambiental na sociedade.

Durante a cerimónia de lançamento em Dezembro, foi assinado o primeiro acordo-quadro de cooperação estratégica com o Instituto de Energia, Ambiente e Economia da Universidade de Tsinghua. Teve ainda lugar um seminário sobre os objectivos do 14.º Plano Quinquenal da China relacionados com os níveis de carbono.

Pico de carbono em 2030

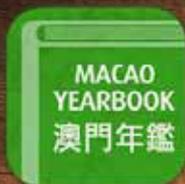
As principais prioridades do 14.º Plano Quinquenal relativas ao desenvolvimento ambiental são a melhoria da eficiência energética da China, a expansão das fontes de energia renováveis, a pesquisa de tecnologias avançadas de armazenamento de energia e o desenvolvimento da rede estatal de energia inteligente. A implementação destas estratégias abrange o período entre 2021 e 2025, durante o qual se prevê o desenvolvimento de novas fontes

de energias de baixo carbono, como novos recursos energéticos e veículos eléctricos, e o apoio a áreas que possibilitem atingir o pico de emissões de carbono até 2030.

Como o gás natural é identificado como um combustível limpo, o plano visa expandir a produção doméstica no Interior da China. O mesmo documento estabelece que o consumo de energia e as emissões de dióxido de carbono por unidade do produto interno bruto devem sofrer uma quebra entre 15,5 e 18 por cento, respectivamente, até 2025, em relação a 2020, enquanto as fontes de energia renováveis devem crescer para 20 por cento da matriz energética da China, em comparação com os 16 por cento registados em 2019.

Foi também definido como meta obrigatória a expansão da cobertura florestal da China para 24,1 por cento, em comparação com os 23,2 por cento registados em 2019.

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) está também articulado com o país no combate às alterações climáticas e na melhoria da qualidade ambiental. Um dos objectivos, definido no 2.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Socioeconómico da RAEM (2021-2025), é que o território atinja o pico de emissões de gases com efeito de estufa até 2030, apontando de seguida para a neutralidade carbónica. ▀



2021



<http://yearbook.gcs.gov.mo>

“Macau 2021 - Livro do Ano” em formato digital já publicado

As versões em chinês, português e inglês em formato digital do “Macau 2021 - Livro do Ano”, produzidas pelo Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já foram publicadas.

O anuário “Macau 2021 - Livro do Ano” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

Desde 2002 que o “Macau - Livro do Ano” é publicado em três línguas, chinês, português e inglês. Com 218 fotografias, 572 páginas (versão chinesa), 720 páginas (versão portuguesa) e 662 páginas (versão inglesa), o “Macau 2021 - Livro do Ano” está dividido em quatro secções: prioridades da acção governativa da RAEM; cronologia dos acontecimentos mais relevantes; apresentação geral da RAEM; e apêndices com informação útil e dados estatísticos. Em 2020, a pandemia, causada pelo novo tipo de coronavírus, implicou grandes desafios para a RAEM, razão pela qual, o Governo tem vindo a implementar uma orientação geral na sua acção governativa e adoptado oportunamente medidas com vista a “combater a epidemia, garantir o emprego, estabilizar a economia, assegurar a qualidade de vida da população,

impulsionar a reforma e promover o desenvolvimento”. Sobre este aspecto, o “Macau 2021 - Livro do Ano” apresenta um registo muito completo.

A apresentação geral da RAEM retrata as prioridades no âmbito da Administração, Legislação e Justiça realizadas em 2020, das quais fazem parte 15 capítulos que cobrem as seguintes áreas: sistema político e administração; ordenamento jurídico e sistema judicial; relações externas; economia; turismo; ordem pública; educação; cultura e desporto; saúde pública e assistência social; comunicação social, telecomunicações e tecnologia da informação; solos, infra-estruturas, habitação e entidades públicas; transportes; geografia e população; religiões e hábitos; e história.

Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e a protecção ambiental, a partir de 2016, o “Macau - Livro do Ano”, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixou de ser publicado em suporte papel.

Os interessados podem consultar a página electrónica do “Macau 2021 - Livro do Ano” (<https://yearbook.gcs.gov.mo>) ou fazer o download da aplicação.



Versão APK
(Android)



© CHEONG KAM KA

ENTREVISTA

UM busca excelência, apesar da COVID-19: Reitor

Song Yonghua, reitor da Universidade de Macau (UM), conta à Revista Macau como a instituição continua a construir um ambiente educativo de nível internacional e a expandir os seus programas, apesar dos desafios trazidos pela pandemia da COVID-19. A instituição pretende ainda reforçar a sua posição académica com uma Estratégia de Desenvolvimento de 5 Anos e aprofundar os laços com congéneres do Interior da China e dos países de língua portuguesa

Texto | Stephanie Lai

Um dos principais objectivos da Estratégia de Desenvolvimento de 5 Anos da Universidade de Macau (UM) é aprofundar o chamado modelo educacional composto por quatro componentes (4-em-1), para formar talentos. Em que consiste este modelo e que resultados obteve até agora?

Foi em 2010 que a UM sugeriu este modelo de educação “4-em-1” para apoiar os nossos alunos de licenciatura. O modelo está orientado para proporcionar aos alunos um sistema de educação integrado, e tem quatro dimensões: educação holística, educação especializada, educação através da investigação e de estágio, bem como a educação comunitária e entre os alunos. Para concretizar isso, oferecemos a educação especializada através das várias faculdades da universidade. A instituição é também conhecida graças aos nossos colégios residenciais, uma parte importante no nosso objectivo de educação integrada.

O modelo “4-em-1”, que implementámos na última década, provou ser bem-sucedido, especialmente depois de nos mudarmos para o campus de Hengqin, em 2014, e introduzirmos o modelo de colégios residenciais. Com este objectivo, queremos principalmente cultivar nos nossos alunos um sentido de integridade e responsabilidade social para com a nossa cidade e o nosso país. Também queremos que tenham uma vida saudável, espírito de equipa e mentalidade competitiva, e que se interessem pela cultura.

© DIREITOS RESERVADOS



A Universidade de Macau mudou-se, em 2014, para o novo campus em Hengqin

Em 2021, ano em que a universidade completou 40 anos, resumimos a nossa experiência na implementação do modelo “4-em-1” no livro “Educação Integrada em Colégios Residenciais Universitários em Acção: A Experiência de Universidades na China” e explorámos este tema num fórum. As principais universidades do Interior da China participaram no evento, tais como a Universidade de Pequim, a Universidade de Tsinghua, a Universidade de Zhejiang e a Universidade de Fudan. As universidades do Interior da China também estão a promover o modelo de colégio residencial e certamente que a nossa universidade pode partilhar a nossa experiência.

Outro objectivo da estratégia da UM é aumentar a percentagem de estudantes não locais. Porquê esta meta e qual a actual quota de estudantes locais e não locais na universidade?

Actualmente, cerca de 75 por cento dos nossos alunos de licenciatura são locais. Quanto aos mestrados, cerca de 40 por cento são estudantes locais; a percentagem é menor para os doutorandos.

O nosso objectivo sempre foi muito claro: com os cursos de licenciatura, procuramos formar talentos locais, enquanto para os programas de mestrado e doutoramento, iremos garantir que haja vagas suficientes para estudantes locais, antes de aumentar o número de estudantes não locais a serem admitidos nesses cursos.

Na Estratégia de 5 Anos, dissemos que gostaríamos de ver o número de alunos aumentar de 12 mil em 2021 para 17 mil nos próximos cinco anos. O número de alunos de licenciatura irá permanecer estável porque a proporção de finalistas do ensino secundário local é basicamente estável. O [potencial] aumento virá principalmente de mais estudantes não locais que se matriculem nos nossos programas de mestrado e doutoramento, e que poderão vir do Interior da China, do Sudeste Asiático ou do resto do mundo.

A universidade quer melhorar os cursos avançados e irá estabelecer mais programas de mestrado baseados na procura existente no mercado. Quais são estes novos programas?

Estamos a responder às necessidades de Macau, da região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, especialmente da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin, bem como do nosso país. A área da Grande Baía, em geral, Macau e Hengqin estão a analisar os contributos estratégicos da ciência e inovação e a ligação entre a academia e a indústria. Por exemplo, no Plano Director de Desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin são mencionadas algumas novas indústrias: o desenvolvimento da microelectrónica e circuitos integrados; a medicina tradicional chinesa; a inteligência artificial; novas energias; novos materiais; a Internet das Coisas; biotecnologia; arte e finanças.

Estamos a avaliar as necessidades e a estabelecer um programa de mestrado em ciência de dados, que envolve estudos interdisciplinares. Também estamos a oferecer programas de mestrado em Internet das Coisas, tecnologia financeira, bem como numa área popular: a microelectrónica. Há também programas de mestrado em saúde pública e artes plásticas.

Entretanto, estamos a expandir o currículo de estudos integrados de gestão de resorts integrados e turismo. Também oferecemos um doutoramento em gestão de empresas e, ainda neste contexto, um programa de mestrado executivo em gestão de empresas. Oferecemos ainda doutoramentos em administração pública e educação. Além disso, vamos lançar um curso de mestrado em neurociência cognitiva, com um currículo interdisciplinar, que será uma pedra basilar, essencial para os estudos de inteligência artificial.

A UM quer expandir os estudos interdisciplinares e oferecer novos programas. Mas ainda não se avista o fim da pandemia da COVID-19. Quão difícil é para a universidade adquirir recursos suficientes e contratar novos docentes para estas novas disciplinas?

O nosso recrutamento está voltado para o mundo: para os docentes, desde os assistentes aos professores e aos catedráticos, ou para os cargos de gestão, dos directores das faculdades aos vice-reitores e reitor,



Estamos a responder às necessidades de Macau, da região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, bem como do nosso país

SONG YONGHUA
REITOR DA UNIVERSIDADE DE MACAU

para todas essas posições o recrutamento está aberto a candidatos de todo o mundo. A UM tem visto a sua reputação internacional crescer e a própria cidade é também reconhecida pela sua estabilidade. O modelo de educação internacional da nossa universidade, bem como a mistura multicultural da cidade, contribuem para a capacidade de atrair talentos de todo o mundo.

Ou seja, mesmo após dois anos de COVID-19, vemos ainda o número de professores recrutados e candidatos a estas posições a crescer. É claro que a crise de saúde pública nos trouxe alguns problemas. Mas, para responder a isso, organizámos as nossas entrevistas [de emprego] de maneira inovadora. Aqueles [vindos do estrangeiro] que aceitaram as nossas ofertas tiveram de enfrentar algumas dificuldades, como passar pela quarentena obrigatória, que em Macau varia de 14 a 21 dias. Mas, ainda assim, passaram pelo processo e puderam juntar-se a nós. Ficamos gratos e estamos



A universidade espera ter 17 mil alunos nos próximos cinco anos

© DIREITOS RESERVADOS

orgulhosos por atrair estes excelentes académicos.

Como parte do nosso processo de recrutamento, temos também alguns mecanismos que encorajam os melhores bolseiros de Macau que se encontram no estrangeiro a regressar, como é o caso do nosso programa de bolsas. Nos últimos anos – mesmo durante a COVID-19 –, conseguimos recrutar alguns bolseiros através deste programa, e continuamos a manter o orçamento para o apoiar.

A universidade quer crescer como uma plataforma entre a indústria, o mundo académico e a investigação, e para atingir esse objectivo está a desenvolver um “Espaço Nacional de Trabalho Colaborativo” para formar mais talentos inovadores e empreendedores. Como funciona este projecto?

Os professores são bons a fazer investigação académica. Mas quando se trata de ligar os resultados da

investigação à dinâmica do mercado, precisam de conhecimentos de comércio, finanças, recursos humanos e todo o tipo de competências de gestão para criar negócios. O mesmo se aplica aos alunos que estão nas salas de aula ou nos laboratórios e que precisam de aprender como manter os seus estudos ligados à sociedade. Por isso, criámos o Centro de Inovação e Empreendedorismo, que funciona como uma base para dar aos professores e alunos as competências que eles precisam de adquirir. O centro é como uma incubadora que os ajuda a iniciar negócios e já apoiou a criação de mais de 30 empresas.

O centro foi reconhecido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia da China como um “Espaço Nacional de Trabalho Colaborativo”. Isto representa a valorização por parte do país do sucesso da UM na articulação da indústria, academia e investigação, e dos negócios iniciados pelos professores e alunos. Vamos continuar a



A instituição completou 40 anos em 2021

desenvolver esta plataforma, para apoiar a diversificação da economia de Macau e o desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin.

Em que áreas trabalham estas 30 novas empresas?

Estão envolvidas em biotecnologia; medicina tradicional chinesa; microelectrónica; materiais aplicados, especialmente materiais avançados e materiais verdes; materiais energéticos; Internet das Coisas; energia; tecnologias de transporte e de prevenção de desastres.

Como é que a universidade vai aprofundar a cooperação a longo prazo com instituições de ensino superior dos países de língua portuguesa, um outro objectivo mencionado na Estratégia de Desenvolvimento de 5 Anos?

A UM foi considerada a melhor entre os mais de 200 membros da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Estamos a aprofundar os laços com as instituições de ensino superior dos países de língua portuguesa. Com algumas universidades em Portugal, incluindo a Universidade de Lisboa, temos também planos para lançar alguns programas conjuntos. Para promover o ensino da língua portuguesa, formámos uma aliança com dezenas de escolas no Interior da China que ensinam a língua portuguesa e disponibilizam materiais didácticos em português.

E quanto aos laços de cooperação entre a universidade e as várias instituições de ensino superior do Interior da China?

Estamos envolvidos, neste importante domínio, com instituições de ensino superior, centros de



© DIRETOS RESERVADOS

75%

Proporção de alunos de Macau em cursos de licenciatura na Universidade de Macau

investigação, autoridades governamentais e empresas do Interior da China.

Temos programas conjuntos com a Universidade de Zhejiang e a Universidade de Tecnologia do Sul da China. Temos também planos para oferecer programas conjuntos com a Universidade de Pequim e a Universidade de Fudan.

Além disso, criámos cinco laboratórios conjuntos com a Academia de Ciências da China, que abrangem investigação sobre inteligência artificial, neurociências, oncologia e ciências marinhas. A nossa universidade é ainda um dos mais de 40 membros da Aliança Universitária de Guangdong, Hong Kong e Macau. Todos esses esforços melhoram as relações da nossa universidade com as instituições de ensino superior do Interior da China em termos de formação de talentos e de investigação científica. ▲

VER VÍDEO AQUI



RELAÇÕES COMERCIAIS

Brasil em busca de mais China

A China é, desde 2009, o principal parceiro comercial do Brasil, posição reforçada em 2021. Entidades brasileiras ligadas ao sector da produção e exportação dizem que há potencial para as relações bilaterais continuarem a crescer

Texto | Catarina Brites Soares

“AS ECONOMIAS da China e do Brasil são complementares e, por isso, a ligação económica é superimportante”, afirma o chefe da representação da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) em Xangai, Carlos Pan. Os dados de 2021 comprovam-no: o Interior da China, Hong Kong e Macau foram, em conjunto, o destino de 32,0 por cento das exportações do país sul-americano em termos de valor total, com as vendas a registarem um aumento de 28,1 por cento face ao ano anterior, de acordo com dados do Ministério da Economia do Brasil. Ao nível das importações brasileiras, o bloco chinês representou 22,0 por cento da totalidade no ano

passado, com um crescimento de 36,7 por cento em termos de valor.

Os principais produtos exportados pelo Brasil para a China são sobretudo matérias-primas ou mercadorias primárias – as denominadas “commodities” –, com destaque para a soja, açúcar, minério de ferro, petróleo, celulose, carne, sumo de laranja, café e madeira. Já em sentido contrário, dominam os bens finalizados e industrializados.

“Em 2010, a China absorvia 15 por cento das vendas do Brasil”, nota Tulio Cariello, director de conteúdo e pesquisa do Conselho Empresarial Brasil-China, destacando que, entretanto, a percentagem mais do que duplicou. “A China também nos garante um saldo superavitário. Em 2021, do

Comércio sino-brasileiro 2021

VENDAS BRASIL -> CHINA

89,8 MIL MILHÕES
de dólares americanos
(+28,1% em termos anuais)

Equivalente a 32,0% do valor total das exportações brasileiras

VENDAS CHINA -> BRASIL

48,3 MIL MILHÕES
de dólares americanos
(+36,7% em termos anuais)

Equivalente a 22,0% do valor total das importações brasileiras

FONTE: MINISTÉRIO DA ECONOMIA DO BRASIL





O Porto de Santos é um dos pontos de escoamento de produtos brasileiros destinados à China

superavit de 61 mil milhões de dólares americanos que se registou no comércio exterior, mais de 40 mil milhões de dólares americanos foram fruto de transacções com a China.”

A coordenadora de promoção comercial da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil salienta que a China assume protagonismo no que toca às exportações do agro-negócio brasileiro. No ano passado, o mercado chinês foi responsável por 34 por cento das vendas ao exterior do sector. Dados do Ministério brasileiro da

Agricultura, Pecuária e Abastecimento referentes a 2021, citados por Camila Sande, indicam que o Brasil exportou mais de 78 milhões de toneladas em produtos de agro-negócio para o mercado chinês, o que correspondeu a 41 mil milhões de dólares americanos. Além de soja – categoria responsável por 60 milhões de toneladas –, os outros produtos mais exportados foram carnes bovina e suína, celulose, açúcar e algodão.

Luís Rua, director de mercados da Associação Brasileira de Proteína Animal, reforça que a China é o

primeiro aliado comercial de toda a estrutura produtiva da economia brasileira, seja no agro-negócio, na indústria de transformação ou noutras áreas. No sector a que se dedica, a China é responsável por quase 40 por cento das exportações.

No ramo da avicultura, o mercado chinês passou a liderar a tabela em 2019, quando ultrapassou a Arábia Saudita. Em 2021, o país asiático representou mais de 14 por cento das exportações brasileiras de carne de frango, ou seja, 640 mil toneladas.

No que respeita à carne suína,

o mercado chinês ocupa o lugar cimeiro desde 2019. Actualmente, cerca de metade do que o Brasil exporta tem como destino solo chinês. “É o nosso principal mercado e sobre o qual trabalhamos com muita atenção”, sublinha Luís Rua.

Antes da denominada “peste suína africana” ter chegado à China – onde levou à morte ou abate de cerca de metade dos porcos em 2019 –, a participação brasileira no total das importações chinesas de carne suína era de 8 por cento. Agora representa quase 12 por cento. “O Brasil é a quarta principal fonte de proteína para a China”, enfatiza o dirigente da Associação Brasileira de Proteína Animal.

Tulio Cariello assinala que o Brasil “tem aumentando consideravelmente os embarques” para a China de produtos na área da agropecuária, como as carnes. “Apesar do grande volume de exportações, ainda somos muito dependentes de uma gama de poucos produtos, de baixo valor acrescentado”, lamenta o responsável do Conselho Empresarial Brasil-China.

Medos à parte

As previsões oficiais indicam um desacelerar do crescimento da economia chinesa em 2022, mas Luís Rua, por exemplo, não se mostra preocupado. “A China, como o Brasil

e outros países em desenvolvimento, ainda precisa de colocar muitas pessoas na linha de consumo e a carne é um dos bens que passa a ser consumido quando se alcança um rendimento maior”, afirma.

O responsável da Associação Brasileira de Proteína Animal acredita que a promessa do Governo central chinês de dirimir a pobreza no país e o fim anunciado da política do filho único acabarão por se traduzir em mais consumidores. “Por isso, não vemos grande possibilidade de recuo. Antes, o produto interno bruto crescia cerca de 10 por cento. Diminuirá um pouco, mas mesmo esse pouco – que não o é se compararmos com a média

Top-3 das exportações do Brasil para a China em 2021

Minério de ferro e concentrados

28,8 mil milhões de dólares americanos

Soja

27,2 mil milhões de dólares americanos

Petróleo e similares

14,2 mil milhões de dólares americanos

FONTE: MINISTÉRIO DA ECONOMIA DO BRASIL



Em 2021, a China comprou 640 mil toneladas de carne de frango ao Brasil

© DIREITOS RESERVADOS

mundial – será de seis a sete por cento. É muita gente que entra na linha de consumo anualmente”, frisa. “E isso faz com que facilmente a China continue a ser um mercado com potencial durante muitos anos.”

Camila Sande, da Confederação da Agricultura e Pecuária, garante que o Brasil quer reforçar e diversificar a oferta. Prova disso, exemplifica, é o programa “Aterrisagem na China”, lançado no ano passado, que visa que sectores brasileiros como o do mel e derivados, produtos lácteos, cafés especiais, frutas e açaí consolidem e ampliem a presença no mercado chinês.

O “Projeto AGRO.BR” é outra das iniciativas da confederação, em parceria com a ApexBrasil, que a responsável destaca. “O objectivo é fazer com que a pauta exportadora cresça não só em volume, mas em diversidade”, explica.

Para a ApexBrasil, além de “commodities”, o país tem de investir na exportação de produtos de valor acrescentado. “O Brasil deve continuar o investimento na promoção de alimentos finalizados para a China, como vinho, café especial, mel, pescados, frutos do mar e produtos típicos, como açaí e chá-mate”, defende Carlos Pan.

Para o responsável da delegação da ApexBrasil em Xangai, os sectores das frutas e produtos lácteos, assim como de bens de consumo – moda, joalheria e calçado – devem ser outras das prioridades. “O Brasil também tem bastantes chances de atrair os consumidores chineses pela qualidade e charme dos produtos nacionais”, vinca.

Luís Rua, da Associação Brasileira de Proteína Animal, lembra que cerca de 40 por cento da carne de frango que o país exporta tem

como destino a Ásia, sendo que a China representa mais de um terço desse valor; no caso da carne suína, mais de 80 por cento das vendas seguem para a Ásia, com o mercado chinês a representar perto de metade das exportações totais do Brasil. É por isso que o responsável afirma: “A China, como o grande país da região asiática, é a nossa grande aposta”.

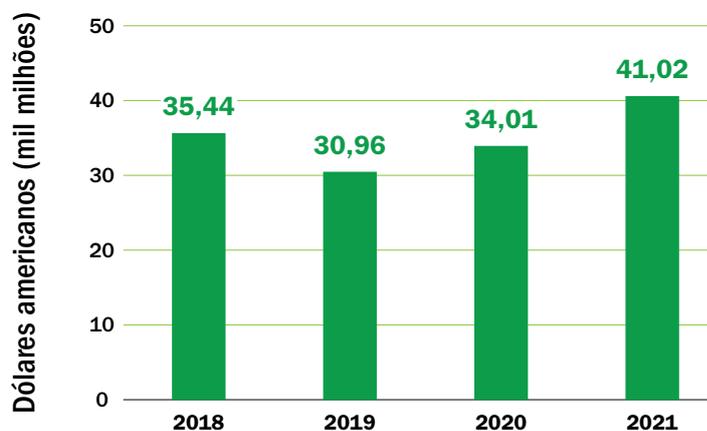
Dores de crescimento

Há, no entanto, obstáculos e a COVID-19 veio agravá-los. Carlos Pan menciona a impossibilidade actual de viagens internacionais, devido à pandemia, como o principal problema a que as relações bilaterais se fortaleçam. “Isso interrompeu, por conta das restrições sanitárias, mais conhecimento e troca entre os dois países, incluindo de produtos”, especifica. A par desta situação, o representante da ApexBrasil aponta as diferenças culturais e de idioma como outros grandes desafios às empresas brasileiras que queiram singrar na China.

Luís Rua desvaloriza. “Não diria que sejam barreiras, mas coisas naturais que o processo de aprendizagem vai esbatendo.”

O entendimento da cultura de negócios chinesa, a adaptação aos processos administrativos da China e a percepção do gosto do consumidor local são os reptos enumerados por Tulio Cariello, do Conselho Empresarial Brasil-China. Dada a

Exportações do agro-negócio brasileiro para a China



competição “muito acirrada” entre produtos e produtores, o responsável considera fundamental ter um plano de negócios bem estruturado. “O mercado chinês, apesar de grande e promissor, é extremamente competitivo, com marcas chinesas e internacionais

disputando o mercado ‘centímetro a centímetro’”, afirma.

Camila Sande, da Confederação da Agricultura e Pecuária, confirma que o processo até se conseguir autorização para exportar para a China é complexo, sendo necessários vários tipos de registros.

Além disso, a concorrência é, sim, algo a ter em conta, diz. “Grandes exportadores, como a Austrália, Nova Zelândia, União Europeia e Estados Unidos, têm acordos comerciais com a China, o que facilita a entrada dos seus produtos e dificulta a dos do Brasil.” ▲



“VEMOS O FUTURO COM OPTIMISMO”, DIZ EMBAIXADA

A EMBAIXADA do Brasil em Pequim prefere não fazer previsões quanto ao futuro das relações comerciais com a China, mas mostra confiança, face aos números da última década. “Tendo em conta as perspectivas económicas tanto do Brasil quanto da China, vemos o futuro com optimismo”, refere a principal representação diplomática brasileira em solo chinês.

Em resposta à Revista Macau, a embaixada recorda que a China é o principal parceiro comercial do Brasil desde 2009. Cerca de uma década depois, o Brasil tornou-se o principal exportador de alimentos para o mercado chinês. Segundo dados do Ministério da Economia brasileiro, o comércio bilateral alcançou um valor total de 138,2 mil milhões de dólares americanos no ano passado. “Foi o maior em toda a história”, vinca a embaixada.

Em 2021, Brasília obteve um superavit recorde com a China de 41,5 mil milhões de dólares americanos. “O Brasil é parceiro tradicional de produtos oriundos do agro-negócio e fornecedor confiável de alimentos para o mercado chinês”, releva a embaixada.

De Janeiro a Novembro de 2021, refere a representação diplomática, o Brasil forneceu cerca de 80 por cento do açúcar importado pela China; 66 por cento da soja; 41 por cento da carne de frango; 40 por cento da carne bovina congelada; e 16 por cento da carne suína. “Temos participação relevante também nas importações de insumos importantes para a manufatura chinesa, como o couro (36 por cento), o algodão (26 por cento) e a celulose (26 por cento). Na indústria pesada

e de construção, destaca-se o minério de ferro (21 por cento)”, discrimina a embaixada brasileira em Pequim.

A entidade ressalva que, apesar do sucesso, as companhias brasileiras não devem baixar os braços. “As grandes empresas brasileiras do sector das ‘commodities’ agrícolas e minerais têm uma presença relativamente consolidada no mercado chinês. Isso não quer dizer que não haja competição, e que não precisem de investir na divulgação e em acções de promoção comercial e conquista de novos clientes.”

Quanto às empresas de outros sectores, segundo a embaixada, há “amplo espaço” para alargarem a fatia de mercado ou começarem a vender no mercado chinês – em particular, quando se trata de produtos ou alimentos processados. “Factores como a distância e as diferenças linguísticas e culturais certamente tornam mais difícil esse intercâmbio. Ainda assim, vêm sendo consolidados laços bilaterais que podem favorecer o comércio”, salienta a Embaixada do Brasil na China. “Em termos práticos, em primeiro lugar, é importante fazer com que o consumidor chinês conheça os produtos brasileiros e a sua qualidade.”

A entidade enfatiza que é crucial um trabalho de divulgação comercial constante através de eventos como a Exposição Internacional de Importação da China (CIIE, na sigla inglesa). “Depois, é preciso uma estrutura logística que permita a distribuição adequada dos produtos. Os canais electrónicos têm um papel fundamental e a China tem a grande vantagem de ser um dos mercados nos quais esses canais estão mais desenvolvidos”, conclui a embaixada. ▲



CLUBE DE NEGÓCIOS LUSO-CHINÊS

PorCham na senda de expansão na China

A PorCham é um clube de negócios que aspira a tornar-se na primeira câmara de comércio luso-chinesa com base na legislação chinesa. À Revista Macau, o fundador, Dário Silva, fala do crescimento exponencial desde a abertura da primeira delegação, em Outubro, e dos passos que se seguem

Texto | Sandra Lobo Pimentel

A BUROCRACIA para ter estatuto de câmara de comércio está em marcha, mas, para já, a PorCham avançou como clube de negócios para começar a ajudar empresas portuguesas a encontrarem espaço no mercado chinês. Fundada por Dário Silva, em Outubro do ano passado, a PorCham abriu portas com uma delegação em Guangzhou, capital da província de Guangdong, à qual se juntou, em Novembro, um escritório em Xangai.

Dário Silva, em entrevista à Revista Macau, dá conta de mais projectos no curto prazo que procuram alargar a área de influência da PorCham. “Já temos escritório em Zhuhai e queremos inaugurar esse juntamente com outro em Hunan. Aguardamos para poder fazer as cerimónias [de inauguração], adiadas devido à pandemia, mas já estão a operar.”

A ideia não é recente, explica o fundador, salientado que este “é um processo que já está a decorrer há quatro anos”. O objectivo “é ter uma câmara de comércio portuguesa de legislação chinesa”, frisa, referindo que a organização já tinha “várias empresas interessadas desde a fase inicial”.

O clube de negócios “tem ajudado muitas empresas a desbloquear acordos” e, diz Dário Silva, tem funcionado através do “passa a palavra”, que tem bastado para que a adesão seja “muito boa”.

O responsável sublinha o espírito que baseia a PorCham e afirma que o leque de negócios e indústrias é já significativo. “Temos uma base de indústrias bastante alargada, desde empresas do sector financeiro, agro-alimentar ou indústria química. Basicamente, trabalhamos com todos os sectores de forma a facilitar o ambiente de negócios luso-chinês e beneficiar ambas as partes.”

O benefício mútuo é a visão comum entre os membros, numa lógica de expansão e de criação de valor acrescentado no seio da PorCham. O foco são os negócios, sustenta Dário Silva, admitindo que a abertura do consulado de Portugal em Guangzhou, cidade oficialmente denominada de Cantão pela diplomacia portuguesa, “ajudou muito” à concretização do projecto.

Há também a parte da estratégia de marca e promoção no grande mercado chinês. Para dar esse apoio e prestar esse serviço é necessário um grande volume de recursos, mas a lógica do clube de negócios é essa mesma. “Os membros prestam serviços uns aos outros, aliás, o clube já está a funcionar assim”, refere Dário Silva.

Além do grande objectivo de “passar, oficialmente, a câmara de comércio”, Dário Silva revela que há



A cônsul-geral de Portugal em Cantão, Ana Menezes Cordeiro (centro), o Conselheiro da AICEP, Mário Ferreira (esquerda), e o fundador da PorCham, Dário Silva (direita), na inauguração da delegação em Guangzhou

também outro foco que é abrir escritório em Pequim. “É muito importante para a PorCham estar na capital e vai ser também para todos os membros”, salienta.

Papel de Macau

O papel de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa continua a justificar-se, assevera o fundador da PorCham. “Macau é um ponto muito importante para os países de língua portuguesa e, de acordo com o plano da Grande Baía, Macau será uma parte activa na entrada de empresas destes países” no mercado do Interior da China, defende. A organização não esconde o desejo de trabalhar esse potencial e fê-lo já, desde logo, com a abertura do escritório em Zhuhai, destacando também a entrada do Banco Nacional Ultramarino para o clube de negócios. “Foi precisamente fruto de uma aproximação nossa, e o BNU acabou de entrar e ficará como um dos vice-presidentes executivos na área de Macau”, adianta Dário Silva.

O modelo da PorCham passa por essa estratégia. “Cada área do país tem uma empresa que fica a fazer a gestão dessa área. Num país com o tamanho da China, de outra forma, a gestão de modelo empresarial traria custos astronómicos, por isso, adoptámos um modelo idêntico

ao do Governo chinês, regionalizando as operações de acordo com a visão, a missão e os valores da PorCham.”

O trabalho de promoção que tem de ser feito em Portugal tem surgido naturalmente, com o reconhecimento pela obra já realizada e os resultados obtidos. Parte desse papel é da responsabilidade do vice-presidente da PorCham, João Pedro Pereira, que se encontra em Portugal e trabalha “não apenas na mobilização de parceiros para o projecto, mas também na representação institucional” do clube de negócios. Parte dessa representação prende-se com “o objectivo claro e inequívoco de transformar o clube em câmara de comércio”, lembra João Pedro Pereira à Revista Macau.

Para além disso, refere o vice-presidente da PorCham, o interesse dos parceiros chineses em procurar oportunidades em Portugal torna “fundamental” a presença de um representante no terreno, “para poder fazer essa ponte e essa interacção com as entidades necessárias à prossecução desse objectivo”, contribuindo para a tal experiência no mundo empresarial, neste caso, como antigo director da AICEP, a agência para o investimento e comércio externo de Portugal. “Fazemos intenção de ser muito efectivos para as empresas nossas associadas, quer em território chinês, quer em território português”, conclui. ▲

MOÇAMBICANOS EM MACAU

MACAU E MOÇAMBIQUE HÁ 30 ANOS NA MESMA PÁGINA

O ano em que sopra 30 velas é, para a Associação dos Amigos de Moçambique, fundamental em termos de renovação. A associação quer, no entanto, continuar a ser um interlocutor de excelência em termos culturais e não descarta mesmo novas responsabilidades pela mão do IPIM e do Fórum de Macau

Texto | Marco Carvalho

A ASSOCIAÇÃO dos Amigos de Moçambique comemora 30 anos em Novembro e quer assinalar a efeméride com um novo ciclo de cinema e uma palestra sobre a literatura moçambicana, mas a amplitude do programa festivo deverá estar, em última instância, dependente da evolução da pandemia da COVID-19.

Ao longo das três últimas décadas, a associação distinguiu-se pela divulgação em Macau da cultura e das artes de Moçambique, com a organização de debates, exposições e quatro ciclos de cinema. Para além de dar a conhecer os maiores sucessos da Sétima Arte moçambicana ao público do território, a aposta no cinema trouxe até Macau os mais conceituados realizadores do

país e deve voltar a pontificar entre as apostas da colectividade no ano em que sopra 30 velas.

“Vamos ver se conseguimos organizar um ciclo de cinema e um convívio entre os associados, em que possamos apresentar dança e música. Não sei se vamos conseguir organizar um ou outro workshop sobre a nossa literatura. Ainda estamos a pensar. Já não temos muito tempo para isso, mas vamos ver se conseguimos organizar alguma coisa até Setembro”, adianta a presidente da Associação dos Amigos de Moçambique, Helena Brandão, à Revista Macau.

Para a organização – a mais antiga das agremiações de matriz africana do território –, o ano é inegavelmente de celebração, mas também de uma indispensável renovação. A Associação dos Amigos de Moçambique perdeu, ao longo dos últimos anos, um número substancial

de associados e no final do ano a actual presidente da Direcção também se vai despedir de Macau. “De 2006 até há uns três ou quatro anos, tínhamos à volta de 115 sócios e actualmente, presentes no território, só temos 39. Isto significa que muita gente se foi embora e depois há aqueles sócios flutuantes, que estão cá três ou quatro anos e deixam depois o território”, ilustra Helena Brandão.

“Restam-me poucos meses como presidente da associação. Provavelmente em Outubro deixarei Macau (...) Até Setembro gostaríamos que a situação estivesse resolvida”, admite a dirigente.

Nova dinâmica

A associação foi criada a 16 de Novembro de 1992 por um grupo de naturais de Moçambique que se radicou em Macau por motivos profissionais. A pequena comunidade moçambicana que vive e trabalha no território recebia até há dois anos transfusões esporádicas de sangue novo, graças à vinda de estudantes para as instituições locais de ensino superior. O intercâmbio estudantil dotou a associação de um grupo de dança e de uma nova energia, reconhece Helena Brandão: “Os estudantes trouxeram alguma dinâmica porque são gente jovem, gente que vive em Moçambique. A maior parte dos sócios da associação já está fora de Moçambique há muito tempo (...) Na Festa da Lusofonia, a dar a sua graça e a sua cor, ajudam-nos nisso”, atesta a presidente da Associação dos Amigos de Moçambique.

Actualmente, as universidades locais acolhem cerca de uma dezena de alunos moçambicanos, que estudam no território com o apoio da Fundação



© CHENG KWAI

Macau ou ao abrigo de um protocolo entre a Universidade Eduardo Mondlane e a Universidade de Macau. A maioria cursa Direito, mas as instituições de ensino do território também já formaram engenheiros mecânicos, contabilistas e até mesmo jornalistas. “Acho que é uma mais-valia para eles. É importante conviverem, estarem durante cinco ou seis anos a viver outras culturas, outros ensinamentos e aplicar isso lá, se possível”, defende Helena Brandão.

Apesar de bem-vinda, a dinâmica que os estudantes moçambicanos trouxeram às actividades da Associação dos Amigos de Moçambique não resolve o dilema da continuidade e da renovação com que a agremiação se depara. A principal prioridade do organismo, defende Helena Brandão, deve continuar a passar pela promoção da cultura de Moçambique em Macau, mas a dirigente não exclui a possibilidade de um reforço

Nós tentamos sempre mostrar aquilo que Moçambique tem para oferecer, tanto na vertente económica, como cultural

HELENA BRANDÃO
PRESIDENTE
DA ASSOCIAÇÃO
DOS AMIGOS
DE MOÇAMBIQUE



de competências, mercê de uma maior coordenação com o Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau) e com o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM).

“Vai ser criado um espaço no novo edifício da Plataforma onde se vai dar destaque a aspectos da cultura e da economia dos países africanos de expressão portuguesa, como é o caso de produtos e livros”, adianta a dirigente. “Nós fomos chamados a participar, na altura apresentámos um projecto. Há uns meses tivemos reuniões com os representantes do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau e a nossa contribuição vai ser nesse aspecto”, assume Helena Brandão.

Aprofundar a cooperação

A perspectiva de contemplar as associações lusófonas de Macau com uma representação permanente no Complexo da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa investe agremiações como a Associação dos Amigos de Moçambique do estatuto de interlocutoras privilegiadas, não apenas do ponto de vista cultural, mas também económico.

A missão não é inteiramente nova, como prova o trabalho desenvolvido pelo organismo ao longo das duas últimas décadas no popularíssimo Festival da Lusofonia. “Nós tentamos sempre mostrar aquilo que Moçambique tem para oferecer, tanto na vertente económica, como cultural. Nós não mostramos só os aspectos turísticos ou culturais de Moçambique. Nós partimos também para outras vertentes. Por exemplo, na última edição falámos do chá, da importância do chá, da exportação”, esclarece Helena Brandão. A República Popular da China tem sido, ao longo das últimas décadas, um dos principais parceiros de desenvolvimento de Moçambique e teve um papel essencial na reabilitação e modernização das redes rodoviária e ferroviária.

O investimento é bem aceite, sustenta Helena Brandão, principalmente quando se traduz por uma melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. “A ajuda é sempre bem-vinda, sobretudo quando são projectos que originam infra-estruturas que depois vão beneficiar a população. É disso que Moçambique precisa: de redes de estradas, de habitação social, construção de escolas, construção de infra-estruturas que beneficiem, de facto, as pessoas”, considera a responsável. ▲

Os estudantes trouxeram uma nova dinâmica à comunidade moçambicana em Macau



◀ VER VÍDEO AQUI



Leia esta e outras edições
no website da **Revista Macau**



www.revistamacau.com.mo

App da Revista Macau disponível em:



Nota: Utilizadores já existentes das apps da Revista Macau devem descarregar a versão mais recente para ter acesso a todos os conteúdos.

O grupo de teatro alternativo Rolling Puppet mudou-se de armas e bagagens para Coloane, instalou o seu quartel-general em pleno coração da antiga vila piscatória e colocou a ilha no mapa cultural do território, com a criação de um eclético festival centrado nas ruas, na história e na mundividência de quem lá vive. A The House of Puppets Macau dotou a vila de um novo espaço cultural permanente e a Revista Macau foi conhecê-lo

Texto | Marco Carvalho

Fotografia | Leong Sio Po

AS RUAS e os largos de Coloane vão receber em Março a terceira edição do “Out! Festival de Artes de Coloane”, certame independente promovido pelo grupo de teatro alternativo Rolling Puppet, que investiu a antiga vila piscatória de uma improvável centralidade artística.

Organizada pela primeira vez em 2020, então com uma outra designação, a iniciativa transformou Coloane num palco a céu aberto por onde passaram representações de teatro, performances de fantoches,

TEATRO DE MARIONETAS

A aldeia



como palco



O espaço The House of Puppets em Coloane proporcionou à companhia Rolling Puppet margem para crescer

espectáculos de stand-up comedy, projecções audiovisuais, sessões de magia e até eventos de natureza gastronómica.

O entusiasmo com que a primeira edição do festival foi recebida convenceu Kevin Chio e Teresa Teng Teng Lam, co-fundadores do grupo de teatro, a enveredar por uma decisão com tanto de insólito como de arrojado. Depois de vários anos a trabalhar num monótono

e impessoal edifício industrial de Macau, a dupla de criativos rumou de armas e bagagens à quietude de Coloane.

Crescimento emocional

“Costumávamos trabalhar num espaço sem janelas, onde todos os odores se misturavam. Se usássemos cola, o cheiro forte permanecia ali por muito tempo e o estúdio

enchia-se de pó sempre que fazíamos uso da serra. Era tudo muito caótico”, recorda Kevin. “A mera deslocação para o trabalho era, por si só, uma confusão, com toda a gente à pressa e aos berros”, complementa Teresa.

A mudança para Coloane proporcionou ao colectivo artístico um espaço mais arejado, mas também um sentido de uma maior proximidade à comunidade. Inaugurado



Teresa Teng Teng Lam e Kevin Chio, co-fundadores do grupo de teatro



Espaço de partilha e consciencialização

NUMA Macau que se transfigurou quase que por completo ao longo das duas últimas décadas, temas como a protecção do ambiente ou a demanda por um sentido de pertença e de identidade são frequentes nas criações que Kevin Chio e Teresa Teng Teng Lam levam ao palco.

As narrativas do grupo de teatro alternativo Rolling Puppet não se esgotam, porém, na enenação dos conteúdos. Outros elementos há que ajudam a contar as histórias: “As marionetas podem ser concebidas para fazer as pessoas rir, mas também podem ser usadas para revelar significados metafóricos sobre a razão pela qual alguns bonecos são como são. Nós procuramos fazer com que as pessoas se interroguem sobre o uso de certos materiais em certos fantoches, porque é que alguns se movem da forma como movem ou porque têm o aspecto que têm. Procuramos sempre colocar essa camada extra de significado nas marionetas e nos espectáculos que concebemos”, explica Kevin, enquanto manipula uma marioneta de um golfinho branco chinês feito com o recurso a garrafas de plástico. “Ao fazermos uso das garrafas, estamos não só a criar um golfinho muito bonito, mas também muito frágil. Não é difícil compreender o significado

dessa fragilidade. Torna-se palpável, mesmo sem palavras ou explicações”, complementa.

O pequeno golfinho partilha o espaço com um colhereiro-de-cara-preta – outra espécie emblemática da fauna do território – trabalhado em plástico e outros materiais reciclados, com um cão feito com caixas de vinho reaproveitadas e com inúmeras outras criações que fazem do quartel-general do grupo um templo à inventividade. Mas a ambição de Kevin e Teresa não se fica por aí.

A dupla de criativos encara a The House of Puppets como um espaço de partilha onde artistas da China e de todo o mundo poderão, num mundo pós-pandemia, encontrar inspiração e uma segunda casa. “O nosso propósito desde o início sempre foi o de partilhar este espaço. O nosso objectivo era o de convidar outros artistas, de promover residências artísticas, programas artísticos e festivais, de forma a trazer até cá outros interessados”, explica Kevin. “Esperamos poder conseguir atrair artistas de outros locais e organizar um programa de residências artísticas aqui em Coloane, para que eles possam construir ligações com as pessoas, possam beber inspiração nestas ruas e possam, por fim, criar algo, tendo como ponto de partida a experiência que tiveram connosco”, remata o artista.



em Março do ano passado na Rua dos Negociantes, o espaço The House of Puppets proporcionou à companhia Rolling Puppet margem para crescer, não apenas em termos físicos e criativos, mas também do ponto de vista emocional.

“A impressão com que fico é que desde que nos mudámos para Coloane, tudo nos capacitou e fortaleceu: a vizinhança, as pessoas que cá moram. O apoio emocional que nos fazem chegar bastou para que isso acontecesse. Quando abrimos as portas de manhã, dizem-nos ‘Olá, bom dia’. Quando fechamos as portas, ao final do dia, perguntam-nos ‘Então, já acabaram por hoje?’. E isso, por si só, já é muito revigorante”, admite Teresa. “Trabalhámos

durante muito tempo em vários locais de Macau e sentíamos a falta deste tipo de ligação. Todos nos tratavam como se fôssemos invisíveis”, lamenta a encenadora e directora artística do grupo de teatro.

Entalada entre lojas de fruta e de vegetais e uma vetusta mercearia onde pequenos frascos de molho de ostra ombreiam com garrafas de vinho português, a The House of Puppets ocupa integralmente os três pisos de um dos mais imponentes edifícios de linhas tradicionais chinesas do centro de Coloane. O espaço dotou a vila do seu primeiro palco permanente – uma pequena sala polivalente situada na cave do prédio – e foi transformado, pelas mãos dos co-fundadores, numa

fábrica de sonhos onde a dupla dá largas à inventividade e à imaginação. “Em termos de criatividade, para nós é muito importante ir buscar inspiração à Natureza. Quando concluímos o nosso mestrado na República Checa e regressámos a Macau, o nosso objectivo era o de estabelecer um teatro-estúdio e foi isso que fizemos”, salienta Teresa.

Muito para além da infância

Em 2014, enquanto aprofundavam os estudos teatrais no Departamento de Teatro Alternativo e de Marionetas da Academia de Artes Performativas de Praga, Teresa e Kevin criaram o grupo Rolling Puppet, a primeira companhia



A Rolling Puppet tem participado em espectáculos a céu aberto para promover o teatro de marionetas

profissional de teatro de marionetas do território. A estadia de dois anos na República Checa – período durante o qual ele se especializou em gestão artística e ela aprimorou a arte de manipular marionetas – inteirou a dupla de criativos com as mais recentes práticas em termos de teatro contemporâneo e de teatro alternativo e ajudou-os a olhar com outros olhos para uma arte cuja profundidade não se esgota nos verdes anos da infância.

“Desde o início, desde que fundámos o grupo de teatro, a nossa percepção é que as marionetas não se destinam apenas às crianças ou que a única coisa que podíamos fazer com elas é comédia ou uma espécie de teatro engraçado”, esclarece

Kevin. “No início, as primeiras três ou quatro performances que organizámos tinham os adultos como destinatários: abordavam aspectos como a literatura chinesa ou problemas sociais. Na altura, o nosso objectivo era o de derrubar os preconceitos que existiam em relação ao teatro de marionetas. Queríamos destruir os estereótipos de que as marionetas se destinam apenas aos mais pequenos ou que servem apenas para fazer comédia”, acrescenta.

O conhecimento e a experiência que a dupla absorveu durante os dois anos em Praga ajudou a reforçar a percepção de que o exercício artístico nem existe num vazio, nem tem que ser necessariamente insondável.

Responsável pela dramaturgia, Teresa vai beber inspiração aos lugares, às pessoas e às circunstâncias que a rodeiam para criar as peças que o Rolling Puppet leva ao palco. “Na República Checa, é muito frequente usar as marionetas, o teatro de objectos ou outras formas de teatro alternativo para falar do ambiente, para falar de política. É um modo muito eficaz de expressar as expectativas de uma forma metafórica e isso foi algo que nos inspirou bastante. Acreditamos verdadeiramente que a arte deve estar ancorada no quotidiano. Não creio que fôssemos capazes de colocar no palco um tópico que não nos diz nada”, adianta a directora artística do grupo de teatro alternativo. ◀

CELEBRAÇÕES DE PAK TAI

A importância da tradição

Assinala-se em Abril o aniversário de Pak Tai, divindade taoista ligada ao elemento água e bastante popular na Taipa

Texto | Cherry Chan

SÃO muitos anos de uma tradição popular que a COVID-19 não consegue apagar: no dia 3 de Abril – correspondente ao terceiro dia do terceiro mês do calendário lunar –, Macau volta a acolher as Celebrações de Pak Tai. A festividade anual, de carácter taoista, decorre pelo terceiro ano consecutivo em formato reduzido, em cumprimento das directrizes de prevenção e combate à pandemia, mas nem por isso perde simbolismo, afirmam os organizadores.

“Ainda estamos a considerar a possibilidade de realizar as danças do dragão e do leão”, diz Chan Chi Seng, Presidente da Associação de Moradores da Taipa, grupo responsável pelas Celebrações de Pak Tai no templo homónimo, localizado

na Vila da Taipa. A decisão, explica, dependerá da evolução da situação pandémica na região.

O Templo de Pak Tai, no Largo de Camões, na Taipa, é tradicionalmente o local principal das Celebrações de Pak Tai no território, que servem para assinalar o aniversário da divindade, também popularmente conhecida como Imperador Negro. Um dos destaques das festividades é usualmente uma série de espectáculos de ópera chinesa, bastante populares e levados à cena num teatro improvisado feito com canas de bambu, em frente ao templo. Porém, esses espectáculos devem voltar a não se realizar este ano, devido à pandemia, de acordo com Chan Chi Seng. Antes do aparecimento da COVID-19, recorda o responsável, “as óperas começavam no dia anterior às Celebrações de Pak Tai e continuavam por quatro noites”.

As Celebrações de Pak Tai não se ficam pela ópera chinesa. Incluem a queima de incenso, pedidos de bênção e a apresentação de tributos a Pak Tai, entre outros rituais. Tradicionalmente, na última noite de espectáculos de ópera

e antes da remoção do palco, tem lugar uma pequena feira da ladra, com uma atmosfera festiva.

O foco das festividades

De forma a contribuir para a salvaguarda das Celebrações de Pak Tai, em 2020, o Governo da RAEM incluiu estas festividades no Inventário do Património Cultural



© CHENG HAN KA



As Celebrações de Pak Tai decorrem anualmente no terceiro dia do terceiro mês do calendário lunar

Intangível do território, na categoria de “práticas sociais e religiosas, rituais e eventos festivos”. Na altura, o Instituto Cultural sublinhou a importância de “reforçar a salvaguarda do património cultural intangível de Macau e de identificar as manifestações deste património que requerem conservação”.

Apesar do impacto da COVID-19 na realização das festivi-

dades dos últimos anos, Chan Chi Seng sublinha a importância de manter a promoção do património cultural intangível local junto das novas gerações, para que estas possam entender o valor desses rituais, bem como a sua história. “O mais importante é nós continuarmos a transmitir a cultura tradicional e a crença e religião chinesas”, diz.

As origens do Templo de Pak Tai remontam a 1844, de acordo com uma inscrição no edifício. Na Taipa, este é um dos poucos santuários taoistas com um pavilhão para adoração e ofertas, fazendo parte da lista de bens imóveis classificadas da cidade, sob a categoria de monumento.

A construção do templo explica-se pelo facto de, no passado, a maioria da população da Taipa se dedicar à pesca. De acordo com as crenças taoistas, Pak Tai está ligado ao elemento água, tendo o poder de controlar tempestades e incêndios. O templo situava-se, então, junto ao mar e era bastante frequentado por pescadores para solicitar protecção divina. São também atribuídos a Pak Tai diversos feitos milagrosos ligados à Taipa, desde a cura de doentes ao auxílio no combate a incêndios ou a piratas.

De acordo com a cultura chinesa, Pak Tai, comandante das 12 legiões celestiais, venceu o Rei dos Demónios, que aterrorizava o universo. No interior do templo, podemos ver a divindade sentada com os pés sobre uma tartaruga e uma serpente – enviados do Rei dos Demónios, derrotados por Pak Tai –, simbolizando o triunfo do bem sobre o mal.

Embora Pak Tai seja a divindade titular do templo, o santuário é também dedicado a outros deuses. Entre eles, estão Va Kuong, conhecido como o Deus do Fogo, e Kuan Tai, Deus da Guerra e das Riquezas. ◀

PERFIL

Campeã a toda a prova

As medalhas sucedem-se numa carreira desportiva repleta de sucessos. Porém, a triatleta Hoi Long quer servir de exemplo para as gerações futuras pelo seu empenho e dedicação no treino, não pelos resultados

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

HOI LONG é um dos nomes mais sonantes do desporto em Macau, com provas dadas no triatlo e atletismo, que se traduzem em muitas medalhas ganhas a nível local, nacional e internacional. A atleta de 37 anos, portadora de deficiência auditiva e que participa tanto em competições regulares como de desporto adaptado, teve um final de 2021 para recordar.

Em Outubro, Hoi Long participou nos 11.º Jogos Nacionais para Deficientes e 8.º Jogos Olímpicos Especiais da China, que decorreram na cidade de Xian, na província de Shaanxi. Conquistou uma medalha de ouro na maratona e uma medalha de prata na prova dos 10.000 metros, em ambos os casos na categoria de deficiência auditiva.

No desporto regular, a atleta estabeleceu em Dezembro um novo recorde feminino absoluto de Macau para a meia-maratona, durante a Maratona Internacional de Macau, correndo 21,1 quilómetros em 1:23:05 horas. Antes disso, tinha vencido o Campeonato de

Triatlo de Macau de 2021 e terminado em nono lugar a prova de triatlo dos 14.º Jogos Nacionais regulares.

O seu impressionante currículo não se limita a vitórias em 2021. Conquistou uma medalha de bronze para Macau em triatlo nos Jogos Asiáticos de Jacarta 2018, além de ter vencido diversas outras provas de triatlo a nível asiático. O seu desempenho já lhe mereceu várias distinções por parte do Governo de Macau, incluindo um título honorífico de valor, em 2009, e duas medalhas de mérito desportivo, atribuídas em 2011 e 2018.

Desafios feitos oportunidades

Hoi Long perdeu a audição ainda bebé, aos cinco meses, fruto de um incidente médico. Aprendeu leitura labial em chinês e inglês, para entender o que os outros em seu redor diziam, e é capaz de se exprimir oralmente. Essas capacidades, aliadas a um forte empenho, ajudaram-na nas salas de aula enquanto criança e adolescente.



Em vez de mostrar aos outros que estou a conquistar cada vez mais medalhas, preferia que vissem o meu esforço de base, assim como a minha experiência

HOI LONG



A atleta iniciou-se no ciclismo aos 12 anos

Na altura, os recursos disponíveis no campo da educação especial eram escassos e Hoi Long concluiu os seus estudos no ensino regular. Hoje, frequenta o curso de doutoramento em desporto ministrado pelo Instituto Politécnico de Macau (IPM) em colaboração com a Universidade de Desporto de Xangai. Antes, completou um mestrado na área do desporto, leccionado pelo IPM em parceria com a Universidade de Desporto de Pequim, e uma licenciatura em gestão desportiva, na Universidade de Desporto de Pequim.

A desportista diz que as suas vitórias académicas foram obtidas a maior custo do que as desportivas. “As dificuldades que encontro no meu treino não são grandes comparadas com as que enfrento no meu estudo”, explica, numa alusão à sua deficiência auditiva.

Apesar de ser hoje reconhecida pelos seus feitos no triatlo e atletismo, foi na natação que tudo começou para Hoi Long, aos seis anos de idade, pela mão da sua mãe. De resto, a progenitora foi uma figura marcante na sua infância e juventude, encorajando-a sempre

a não se deixar definir pela sua deficiência auditiva. “Agradeço muito à minha mãe, que sempre me apoiou em todos os aspectos”, diz a atleta.

Aos 12 anos, a prática de ciclismo entrou na sua vida. “No meu último ano de ensino secundário, porque achava a natação e o ciclismo interessantes – e também porque já tinha ganho alguns prémios em competições nessas duas modalidades –, iniciei-me no triatlo”, juntando assim o atletismo ao seu portfólio de desportos, recorda.

Inicialmente, a desportista não gostava de correr. “Só comecei realmente a aprender a correr depois de completar a minha licenciatura”, diz.

Hoi Long compete agora em provas regulares e também de desporto adaptado para pessoas portadoras de deficiência auditiva. A atleta diz que a competitividade é similar em ambas. “As provas de desporto adaptado são iguais a todas outras, sendo a única diferença o sinal de partida”, que não é sonoro, explica.

Hoi Long conjuga o desporto com um emprego a tempo inteiro na função pública, além dos seus estudos

de doutoramento. Os seus dias começam cedo, com sessões de treino antes de ir para o trabalho, que diversas vezes se repetem ao final do dia. “O desporto é o meu meio para manter a minha vida equilibrada”, diz.

O seu plano de treino é bastante exigente: a incapacidade auditiva de Hoi Long não tem qualquer impacto na carga ou intensidade das sessões. A desportista diz que a única preocupação especial se prende com a prática de ciclismo de estrada e o trânsito, que não consegue ouvir.

“Lembro-me de que uma vez, em 2007, quando estava a praticar na rua, houve um táxi que me ultrapassou e eu não me apercebi de que ele estava a parar, porque o motorista não ligou qualquer sinal”, recorda. “Bati contra o táxi, a bicicleta partiu-se em dois sítios e eu fui parar ao hospital.”

Ando Kenta, treinador de Hoi Long, diz que a principal diferença entre a atleta e os restantes desportistas sob a sua alçada prende-se com a forma como comunica com ela durante o treino. “Normalmente ando de bicicleta atrás dos atletas e digo-lhes as minhas observações e indicações. Em relação à Hoi Long, a maior diferença é que tenho de me colocar ao seu lado e deixá-la ver os meus lábios quando falo”, explica.

De resto, o treinador japonês não poupa elogios à atleta. Salienta em particular o seu empenho e dedicação ao treino, apesar da sua agenda preenchida.

Mais do que ouro

Hoi Long aponta como um dos principais momentos na sua carreira a medalha de bronze obtida em 2015 no Campeonato Mundial de Aquatlo (natação e corrida) da União Internacional de Triatlo, em Chicago, nos Estados Unidos, na categoria de elite feminina. “Foi a primeira vez que um atleta de Macau obteve uma medalha nesta competição mundial”, recorda. “Senti-me orgulhosa de ser de Macau.”

No desporto adaptado, são motivo de orgulho as medalhas de ouro obtidas na prova de contra-relógio individual em ciclismo de estrada na edição de 2013 dos Jogos Surdolímpicos – também conhecidos como “Deaflympics”



Hoi Long estabeleceu em Dezembro um novo recorde feminino absoluto de Macau para a meia-maratona

– e na maratona nos Jogos Nacionais no ano passado. Essas vitórias “são provas para todo o mundo do avanço no nível dos atletas surdos em Macau”, diz Hoi Long.

A desportista prefere, porém, não olhar para resultados. “Em vez de mostrar aos outros que estou a conquistar cada vez mais medalhas, preferia que vissem o meu esforço de base, assim como a minha experiência”, refere. “Isso é agir como um exemplo a seguir, para eliminar a discriminação na sociedade.”

Hoi Long afirma que os atletas portadores de deficiência enfrentam as mesmas exigências que os atletas regulares, mas também necessitam de lidar com dificuldades ligadas à sua condição, seja no que toca à procura de oportunidades de treino ou de apoios. Neste campo, a desportista refere o esforço do Governo de Macau em responder às necessidades dos atletas locais e melhorar as condições de treino disponíveis no território.

Olhando em redor, Hoi Long sublinha que é necessário continuar a promover a inclusão social das pessoas portadoras de deficiência. “Ainda existem alguns estereótipos na sociedade”, alerta, dando como exemplo as dificuldades no que toca ao emprego.

Em jeito de conselho às novas gerações de Macau, Hoi Long afirma que devem traçar metas claras. “Caso tenham um alvo, têm que persistir em trabalhar para o atingir, por mais duro que seja”, sublinha. A atleta partilha o seu mote: as dificuldades são a ponte que nos leva rumo aos nossos sonhos. ▲

MODALIDADE

Hóquei em campo a



O Centro de Hóquei do Complexo Olímpico de Macau continua a acolher um campeonato anual

olhar para o futuro



© LEONIS SPO PO

O hóquei em campo é uma das modalidades com mais história em Macau. Muitos recordam os seus tempos áureos, ainda na Caixa Escolar, no bairro do Tap Siac, esperando que a modalidade volte a trilhar um caminho de sucesso. A aposta na promoção entre os jovens é o grande trunfo para o futuro

Texto | Sandra Lobo Pimentel

AS RAÍZES da tradição do hóquei em campo em Macau remontam a várias décadas atrás, tempos em que a Praça do Tap Siac era palco de um campo chamado Caixa Escolar, onde pais, filhos e netos abraçavam esta modalidade, muito comum no quotidiano desportivo do território.

Foi aí que nasceu, cresceu e prosperou o hóquei em campo, uma das modalidades mais carismáticas da segunda metade do século XX em Macau e que ainda hoje se pratica. A Associação de Hóquei de Macau, constituída em 1975, continua a organizar um campeonato anual, que conta com sete equipas e que decorre no Centro de Hóquei do Complexo Olímpico de Macau, na Taipa.

Os tempos áureos do hóquei em campo começaram em meados

do século passado, com a constituição do Hóquei Clube de Macau, em 1944, com uma equipa que chegou a jogar em representação de Portugal. O clube apareceu numa altura em que o livre associativismo não era permitido, mas a habilidade dos praticantes e o empenho dos aficionados motivaram a simpatia das autoridades.

Parte da nova geração, Filipe de Senna Fernandes foi presidente da Associação de Hóquei em Campo de Macau até 2020 e é um dos jovens que continua a tradição da modalidade, desde sempre intrinsecamente ligada à comunidade macaense. A permanência desta actividade desportiva acontece, “essencialmente, por causa da história”, conta à Revista Macau.

Frederico Cordeiro, presidente do clube Lusitânia há 30 anos e

um dos grandes nomes do hóquei em campo de Macau no período dourado das décadas de 60 e 70 do século passado, também partilhou com a Revista Macau a sua visão da modalidade.

O dirigente acredita que mais pode ser feito para projectar este desporto no presente e isso passa

por aproveitar a oportunidade de ter um campo no Centro de Hóquei que permite realizar encontros internacionais. “Devia ser promovido pela Associação [de Hóquei em Campo] um torneio quadrangular”, com equipas do Interior da China, Hong Kong e Taiwan, sugere.

A fórmula serve para dar a

conhecer a modalidade e, acima de tudo, para captar a atenção dos mais jovens, que são, naturalmente, o futuro do hóquei em campo em Macau.

Também Manuel Silvério, antigo jogador e dirigente da Associação de Hóquei de Macau, considera que o que poderá fazer a diferença

O lugar da história

O HÓQUEI em campo em Macau “faz praticamente 100 anos” e foi a modalidade mais praticada pela comunidade macaense, recorda Filipe de Senna Fernandes, salientando que o desporto tinha todas as condições para ter evoluído, “mas houve uma grande quebra” quando o recinto – outrora na Caixa Escolar, no centro da península – mudou para a Taipa.

A Caixa Escolar era um lugar privilegiado e é com saudosismo que uma parte da comunidade do hóquei fala dos tempos brilhantes da modalidade. A mudança para a Taipa veio mudar o ritmo dos dias para quem a praticava. “Antigamente

estávamos no centro da cidade e as pessoas passavam e viam. Sabiam o que era o hóquei em campo”, justifica Filipe de Senna Fernandes.

Frederico Cordeiro viu como o desporto cresceu no Tap Siac e atribui à mudança de instalações a viragem na visibilidade para adeptos e praticantes. “Havia mais facilidade de deslocação até ao centro da cidade”, relembra.

A questão da localização, contudo, não é unânime. Manuel Silvério tem uma visão diferente em relação à Caixa Escolar. O antigo dirigente reconhece que, “em termos sociais, o Hóquei Clube de Macau foi o ponto de união de muitos macaenses tendo a prática do hóquei no campo da Caixa Escolar sido transmitida de geração para geração, de pais para filhos e destes para os netos”.

Mas as antigas instalações não tinham condições para receber provas internacionais e o campo já representava um perigo para a segurança da população. Nesse sentido, Manuel Silvério acredita que a mudança da Caixa Escolar para a Taipa foi uma mais-valia, providenciando um campo com estrutura para encontros internacionais, servido de balneários e melhores condições de segurança para a prática da modalidade. ▲

© DIREITOS RESERVADOS



A Caixa Escolar era um lugar privilegiado para a prática de hóquei

é a aposta em intercâmbios e actividades internas que promovam e impulsionem o hóquei em campo com vista à captação de novos talentos. No entanto, acrescenta, a modalidade ainda se depara com o mesmo problema do passado, isto é, a determinação de quem se dedicava à causa, mas sempre refém de alguma “insipiência organizativa”.

Crescimento regional

Apesar das valências do Centro de Hóquei do Complexo Olímpico de Macau, na Taipa, voltar aos velhos tempos da modalidade “é quase impossível”, diz Filipe de Senna Fernandes. A ideia, durante a sua presidência na associação, era chegar às escolas para promover o hóquei em campo e assim tentar chamar mais praticantes. No entanto, a iniciativa não correu da forma esperada. “A modalidade é mal percebida”, explica Filipe de Senna Fernandes, acrescentado que ainda existem “muitos obstáculos”.

Antes das restrições impostas pela pandemia da COVID-19, ainda houve treinos aos sábados para crianças dos sete aos 12 anos, com cerca de 40 jovens praticantes. “Tentámos abrir essas aulas, mas neste momento estão paradas”, refere.

À frente do Lusitânia, um dos emblemas com mais peso no hóquei em campo local, Frederico Cordeiro lamenta que o presente e o futuro da modalidade não vislumbrem o impacto que teve outrora.



O campeonato local continua a atrair novos talentos à modalidade

“O hóquei sempre foi jogado, maioritariamente, por macaenses. E havia muito mais intercâmbio”, relembrando os encontros semanais com equipas de Hong Kong ou mesmo o torneio anual com uma equipa japonesa de Osaka. “Para esses torneios, os jogadores até eram dispensados do trabalho”, nota o dirigente do Lusitânia, testemunhando a importância que era então dada à modalidade.

Para Manuel Silvério, há vários factores associados ao facto de, em Macau, esta actividade desportiva ter perdido alguma expressão, especialmente no contexto regional. “Não podemos esquecer que a modalidade se desenvolveu como uma flecha num certo período. Em termos desportivos, o Hóquei Clube foi aquela poderosa e invencível equipa, numa altura em que a própria modalidade não estava tão desenvolvida noutros países.”

Hoje, porém, a realidade é outra, aponta. “Antigamente só

se falava do hóquei em campo na Índia e no Paquistão, que eram os ases do desporto. Hoje, não só na Europa como na Austrália e na Nova Zelândia, [a modalidade] está em franco desenvolvimento. E, na Ásia, o Japão é uma potência, a Coreia do Sul também e a própria China.”

Para dar o passo e não perder esse comboio, a aposta tem que ser na promoção, apesar das dificuldades, defende Manuel Silvério. “Como modalidade por equipa, tem que ser massificada, mas a oferta no sector do desporto para os atletas é muito elevada. Há muitas modalidades que se oferecem aos jovens. E há liberdade para a prática de uma ou várias e para trocar, por isso, o hóquei em campo está a concorrer com outros desportos”, observa o antigo jogador e dirigente, concluindo que a modernização e a profissionalização tendem a ser o caminho para qualquer modalidade ganhar expressão e sucesso. ▀

a minha cidade

DOS JARDINS DO INFORTÚNIO ÀS

Descobriu cedo o gosto pelo desenho, mas só mais tarde a paixão de **Fortes Pakeong Sequeira** se tornou numa carreira artística bem-sucedida. Pelo meio ficaram memórias de uma Macau marcada por uma vivência profundamente pessoal, experiências que o obrigaram a crescer rápido demais

Texto | Marco Carvalho

DE TODAS as histórias de resiliência que se escutam nas travessas e nas esquinas de Macau, a de Fortes Pakeong Sequeira é das mais extraordinárias. O designer gráfico e vocalista da banda rock “Blademark” tem, aos 43 anos, uma carreira artística bem-sucedida, mas uma juventude atribulada e uma família disfuncional quase o empurraram para as margens da sociedade.

Aos 13 anos, desavindo com um pai demasiado rigoroso, saiu de casa, abandonou a escola e mergulhou numa sombria espiral de prostração que atingiu o fundo do poço cinco anos depois, numa insalubre prisão de Hong Kong. Lá pelo meio, dormiu em jardins públicos sob o olhar estagnado de heróis há muito esquecidos e envolveu-se com gangues criminosos.

A redenção chegou, primeiro, sob a forma de uma bola de basquetebol e, depois, de pincéis e lápis de cor, numa vivência profundamente pessoal de Macau que escapa ao paradigma das referências turísticas e que é um hino ao triunfo perante a adversidade. ▲



VIELAS DA REDENÇÃO



a minha cidade



© CHEONG KAM IKA

As estrelas como tecto

“O MEU lugar favorito em Macau talvez seja o Jardim Vasco da Gama”, adianta Fortes Pakeong Sequeira, com a convicção de quem aponta o caminho menos convencional e a incómoda nostalgia de quem recorda os cantos a uma antiga casa. O pitoresco jardim, hoje situado entre os arranha-céus do Tap Siac, foi durante um ano o lar que Pakeong Sequeira nunca desejou ter: “Quando saí de casa e abandonei a escola, tornei-me um sem-abrigo. Tinha 13 anos na altura. Estávamos no início da década de 90 e eu trabalhava durante o dia num restaurante, mas quando chegava à noite não tinha onde ficar e dormia na rua, o mais das vezes no Jardim Vasco da Gama”, recorda o designer gráfico.

A experiência – numa cidade com o destino traçado – prolongou-se por cerca de um ano e obrigou-o a despedir-se depressa demais dos verdes anos da infância: “Vi e vivi momentos totalmente inesperados. Conheci todo o tipo de pessoas. Foi uma experiência que me mostrou que o mundo nem sempre é como o concebemos e que mudou por completo a minha vida, mudou a minha adolescência”, assume Pakeong Sequeira.



© CHEONG KAM IKA

Onde o amor floresce

O PRIMEIRO grande momento de ruptura na vida de Pakeong Sequeira é, no entanto, anterior às noites de sobressalto vividas sob o olhar estagnado de Vasco da Gama. Quando tinha apenas seis anos, os pais decidiram seguir caminhos diferentes, colocando um ponto final numa relação tumultuosa: “Eu tinha seis anos, mais coisa, menos coisa, e os meus pais decidiram separar-se. Eu fiquei a viver com o meu pai. Não tive a oportunidade de crescer com a minha mãe”, lamenta o músico, de raízes macaenses.

O afecto em falta, Pakeong Sequeira encontrou num lugar improvável, a Escola Lusó-Chinesa Luís Gonzaga Gomes. Foi lá que se cruzou com um anjo da guarda, encarnado na professora que primeiro o incentivou à prática das artes plásticas.

“Eu era um miúdo calado, não falava muito quando era pequeno. Era magro e enfezado e essa professora fez-me uma série de perguntas. Veio ter comigo depois de uma das aulas e perguntou-me qual era a actividade de que eu gostava mais. E eu disse: ‘Desenhar’. Ela trouxe-me folhas brancas e lápis de cor e eu debulhei-me em lágrimas”, recorda Pakeong Sequeira. “Esta professora, que agora é a minha madrinha, teve um grande impacto na minha vida”, esclarece.



© CHEONG MAN IKA

Demanda pelo tempo perdido

PAKEONG Sequeira só se volta a cruzar com a mãe aos 18 anos. E é pela mão da mãe que parte à procura do tempo perdido. Regressa à escola, redescobre o entusiasmo pelo desenho e pela arte, encontra no basquetebol e na música novas paixões.

“Entre os meus 19 e os meus 23 anos, passei muito tempo nas instalações da YMCA (Associação dos Jovens Cristãos de Macau) a tocar e a ensaiar a minha música. Era um espaço bastante barato e os músicos e as bandas locais tinham a oportunidade de ensaiar lá. A YMCA foi um espaço muito importante para mim, porque me ajudou a ter uma mente mais aberta”, assume o agora vocalista da banda “Blademark”.

Mas foi um detalhe, mais do que um espaço, que o ajudou a manter o foco numa carreira artística que é hoje consensual e multifacetada. O painel de azulejos que ilustra a fachada do antigo Hotel Estoril – e que retrata Fortuna, a deusa romana da ventura e da felicidade – foi e é para Pakeong Sequeira uma fonte contínua de inspiração. “Quando era pequeno, aquele painel gerava em mim o desejo de desenhar, de fazer algo com a mesma beleza. Sentia esta necessidade quase todos os dias. Não sei muito bem porquê, mas adoro aquele mural”, assume o artista plástico.



© GONÇALO LOBO PINHEIRO

A Macau mais genuína

NA LONGA caminhada para a redenção, a obtenção de uma licenciatura em design gráfico na Escola de Artes do Instituto Politécnico de Macau pautou um virar de página no percurso de vida de Pakeong Sequeira. Em 2005, o artista inaugurou a sua primeira exposição a solo e, desde então, deu a conhecer o seu trabalho em Pequim, Xangai, Tóquio, Singapura, Lisboa e Nova Iorque, entre vários outros locais. À actividade artística, acrescentou nos últimos anos um mergulho nos meandros do empreendedorismo, com a criação de uma agência de produção de espectáculos culturais e do espaço “A Porta da Arte”, no coração da Rua dos Ervanários, uma das poucas zonas da cidade que, no seu entender, preserva o verdadeiro espírito de Macau.

“Quando alguém passeia um pouco por esta área, apercebe-se de que este é um dos poucos locais de Macau onde o estilo de vida original da cidade está preservado. As pessoas que aqui moram, sobretudo os mais velhos, quando lhes dizemos ‘bom dia’, acolhem-nos e abrem-nos o coração. Quando eu era pequeno, Macau era uma cidade muito pacífica. Esta área conseguiu manter essa paz. É aqui que está a Macau mais genuína”, diz Pakeong Sequeira.

UM CHEF ENTRE DOIS MUNDOS

Cozinhou durante um quarto de século para os últimos governadores de Macau e, entre os chefs chineses do território, é, provavelmente, aquele que tem um conhecimento mais profundo da gastronomia portuguesa. Ao longo de cinco décadas entre tachos e panelas, **Lou Chi Seng** procurou adaptar os mais conhecidos pratos lusitanos ao paladar chinês

Texto | Marco Carvalho

SE a gastronomia portuguesa de Macau adaptada ao paladar chinês gozasse de uma existência formal, Lou Chi Seng seria, muito provavelmente, o seu mais versado intérprete. O veterano chef, que ao longo de duas décadas e meia esteve ao serviço dos seis últimos governadores de Macau, investiu grande parte de uma carreira que se estende por quase meio século na adaptação dos mais conhecidos pratos da gastronomia portuguesa ao gosto, mais subtil, da clientela chinesa.

Aspectos como o acerto dos temperos ou a tolerância ao açúcar são apontados o mais das vezes como os principais pontos de divergência entre o paladar ibérico e o paladar chinês, mas, para Lou Chi Seng, a densidade é o que aparta verdadeiramente o sentido do gosto de portugueses e chineses. O cozinheiro, de 74 anos, diz que o paladar chinês se pauta por uma delicadeza que raramente se vislumbra na gastronomia portuguesa, caracterizada por pratos densos e encorpados: “A comida portuguesa é um tipo de comida mais forte. Os pratos portugueses são mais encorpados; a comida chinesa é mais leve. Essa é uma das

principais diferenças. A comida portuguesa é mais forte”.

A subtileza – ou a falta dela – explica por que razão o chef não incluiu a sua iguaria favorita no menu do restaurante “O Junco de Nove Jades”. O cozinheiro nunca diz que não a uma boa feijoada, mas reconhece que o prato não é um manjar para todos os gostos e optou por conceber um cardápio onde pontificam opções mais viáveis tendo em conta o público-alvo. “No restaurante, o prato que tem mais saída é o arroz de pato. O borrego guisado e o leitão também têm muita saída e há cada vez mais pessoas a procurar comida macaense”, ilustra o chef.

Prato especial

Foi, no entanto, um outro prato – o bacalhau com natas – que abriu, no já longínquo ano de 1974, as portas do Palacete de Santa Sancha a Lou Chi Seng. Por ali ficou durante 26 anos, sendo responsável pela cozinha da residência oficial do governador até aos momentos finais da Administração Portuguesa de Macau: “Trabalhei com seis governadores. Mas antes de para lá ir trabalhar, tive de me submeter a um exame. Entre 50 e 70 pessoas foram a exame para conseguirem dar entrada no Palácio. Fomos para lá de manhã prestar provas. A determinada altura, trouxeram-nos bacalhau e disseram-nos para o

© CHEONG NAM KA



Lou Chi Seng é um profundo conhecedor da gastronomia portuguesa

prepararmos como bem entendêssemos. Eu decidi fazer um bacalhau com natas. Experimentaram o meu bacalhau, gostaram e acabei por ser escolhido para trabalhar no Palácio”, recorda Lou Chi Seng.

Em Maio do ano passado, o chef foi convidado pela Direcção dos Serviços de Turismo para confeccionar pratos portugueses e macaenses em Nanquim, no âmbito da Semana de Macau na província de Jiangsu. A iniciativa, que procurou

promover o território como membro da Rede de Cidades Criativas da UNESCO na área da Gastronomia, foi recebida de forma entusiástica pela população da cidade. “Cozinhei minchi, um prato de comida macaense que é muito fácil de fazer. Também cozinhei carne à Brás com bife grelhado que cortei em fatias finas. As pessoas gostaram muito”, assegura o chef.

Com mais de 70 anos de idade e quase 50 de carreira, Lou Chi

Seng não equaciona ainda voltar as costas à cozinha. A abordagem pragmática que o empurrou para uma vida entre tachos e panelas deixou de ser há muito a única justificação para uma tão saudável longevidade: “Antigamente, alguém que trabalhasse numa cozinha pelo menos tinha sempre alguma comida para comer”, sustenta Lou Chi Seng. “Foi por isso que eu decidi tentar a sorte na cozinha”, remata. ▲

roteiro

+ EXPOSIÇÃO**Arte fora de portas**

“A arte acrescenta uma camada de protecção elegante à nossa vida”. O veredicto é de Wong Ka Long, escultor que aceitou o convite que lhe foi feito pela Associação Cultural da Vila da Taipa e expõe, até meados de Abril, dois dos seus mais recentes trabalhos nos largos mais emblemáticos da Taipa Velha.

A associação está apostada em promover a vivência cultural e artística fora do espaço convencional das galerias e desafiou Wong a criar obras que convidam à interacção. O escultor, nascido em 1977 em Macau, combinou a elegância do bambu e a tenacidade do ferro para criar “Salão de Chá” e “Benção”, duas instalações inspiradas pela arquitectura



japonesa que convidam à reflexão e à espiritualidade.

Com curadoria do arquitecto João Ó, a mostra “Devaneio – Exposição de Escultura ao Ar Livre de Wong Ka Long” pode ser vista nos Largos Maia de Magalhães e Governador Tamagnini Barbosa até 18 de Abril.

Devaneio – Exposição de Escultura Ao Ar Livre de Wong Ka Long

LOCAL Largo Maia de Magalhães e Largo Governador Tamagnini Barbosa

DATA Até 18 de Abril

HORÁRIO Em permanência

PREÇO Entrada Gratuita



MAIS INFORMAÇÃO

+ EVENTOS**Prata da casa em bicos dos pés**

Nove bailarinos, música rock original, uma astuta combinação entre adereços e iluminação e a extraordinária aventura do amadurecimento humano. Estes são os ingredientes de “O Ano Formidável”, a mais recente criação de Tracy Wong e Mao Wei.

A dupla de coreógrafos foi convidada pelo Centro Cultural de Macau (CCM) para criar de raiz um novo espectáculo de dança ao abrigo do plano de comissões do CCM, o programa de fomento cultural com que o organismo procura dar visibilidade “a projectos socioculturalmente relevantes para uma diversidade de públicos-base”. O resultado, de acordo com o CCM, é “uma coreografia contemporânea honesta, quase brutal, que explora visualmente a complexa aventura da maturação humana”.

O projecto sobe ao palco do Pequeno Auditório do CCM em dose dupla, a 11 e 12 de Março.

**“O Ano Formidável”**

LOCAL Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau

DATA 11 e 12 de Março

HORÁRIO 19:45

PREÇO 180 patacas



WEBSITE
www.ccm.gov.mo

+LIVROS

Manual para um
melhor português

Traçar um perfil mais actual dos alunos que estudam a língua portuguesa na China, tendo por base dados concretos, recolhidos através do contacto directo com o corpo estudantil. Este foi o principal propósito que norteou o complexo estudo que ocupou as investigadoras Maria José Grosso,

Jing Zhang, Catarina Gaspar e Madalena Teixeira ao longo dos últimos anos.

A iniciativa deu origem ao livro “Referencial Ensino de Português Língua Estrangeira na China”, publicado em meados do mês de Janeiro pela Universidade de Macau e pelo Centro Científico e Cultural de Macau.

O volume, que tem por base a análise quantitativa e qualitativa de mais de 1500 inquéritos conduzidos em todas as instituições de ensino superior de Macau e em algumas universidades do Interior da China, propõe-se ser um guia orientador sobre quem aprende português na China, direccionado para professores, investigadores e decisores públicos.

Referencial Ensino de Português
Língua Estrangeira na China

AUTORIA Maria José Grosso, Jing Zhang, Catarina Gaspar e Madalena Teixeira

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Linguística

IDIOMA Português

PÁGINAS Cerca de 200 páginas

EDITOR Universidade de Macau e Centro Científico e Cultural de Macau

+NA REDE

Uma janela para
o mundo natural

Com pouco mais de trinta quilómetros quadrados, Macau é dos territórios mais exíguos do mundo, mas contém uma rica biodiversidade. Em 2020, de acordo com a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental, viviam nas colinas e nos jardins do território nove espécies de anfíbios e 712 espécies de insectos, entre as quais pontificam pelo menos 113 espécies de formigas.

A estas, há a juntar dezenas de espécies de aves, de répteis e de pequenos mamíferos e uma ainda maior diversidade de espécies vegetais. Uma tal riqueza nem sempre é evidente, mas há um lugar onde o alcance da biodiversidade de Macau se faz tangível.

Da responsabilidade do Instituto para os Assuntos Municipais (IAM), o portal “A Natureza de Macau” disponibiliza, entre muitos recursos, a maior base de dados pública sobre a fauna e a flora do território, informações sobre os jardins e os espaços verdes e dicas sobre a melhor forma de aproveitar a Natureza em Macau.



ORGANIZAÇÃO Instituto para os Assuntos Municipais

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Natureza e Ambiente

IDIOMA Português, Chinês e Inglês



WEBSITE
<https://nature.iam.gov.mo>



“O MISTÉRIO DA MULHER DE VERMELHO COM PRÓLOGO-PREFÁCIO-INTERLÚDIO-EPÍLOGO” (2021)
Instalação (tinta acrílica, espelho, cortinas de veludo e vídeo de alta-definição total com som - 11 minutos), dimensão variável

Hio Lam Lei

ACTUALMENTE a viver e a trabalhar em Macau, Hio Lam Lei é uma artista multidisciplinar, cuja obra envolve imagem em movimento, escultura, impressão e texto. Nascida em 1992, a sua prática e reflexão artísticas cruzam áreas como os estudos pós-coloniais ou a formação da subjectividade no contexto das teorias psicanalíticas, examinando de forma crítica a influência do pensamento eurocêntrico e da hegemonia patriarcal nas convenções ligadas ao género ou etnicidade. O seu trabalho já esteve em exposição em

Macau, bem como em várias cidades do Interior da China, incluindo Pequim, Xangai e Chongqing. A artista também já teve as suas obras em exibição em Singapura, na Coreia do Sul e no Reino Unido. 

Ver mais:



INSTAGRAM



WEBSITE

收藏

澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





澳門大賽車博物館
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU
MACAO GRAND PRIX MUSEUM

*Sintam o
Museu do Grande Prémio!*
**Adquira o seu bilhete
no museu ou online**

<https://eticket.macaotourism.gov.mo>



Add : Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau
Webside : mgpm.macaotourism.gov.mo